



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**VALIDAÇÃO DO HOW I THINK - QUESTIONNAIRE PARA A  
POPULAÇÃO ADULTA PORTUGUESA**

Trabalho Submetido por  
**Ana Cristina Carvalho Veloso**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por  
**Prof. Doutora Cristina Soeiro**

**outubro de 2013**

**“Toda a verdade se torna falsa  
no momento em que nos contentamos com ela”**  
(Alain, 1925)

## **Dedicatória**

À minha família:

Àquele conjunto especial de pessoas que sempre me apoiou e ajudou,

Aquele mesmo conjunto de pessoas que,

Muitas vezes adiando e, até mesmo, desistindo dos seus sonhos,

Tornaram, e tornam, os meus realidade...

Resta-me um sentido OBRIGADA!

(forjado àquele orgulho de quem sabe exatamente de onde veio)

### **Agradecimentos**

À minha família por tudo o que faço e fiz até hoje.

Ao Pedro, pelo suporte constante que me és!

Ao Vítor, pela amizade sincera.

À Lucília, pela pressão.

À Júlia, por todo o apoio e carinho.

Ao “grupo” pelas partilhas.

Ao Paulo e à Paula pela disponibilidade.

Agradeço a todos os que aceitaram participar nesta investigação, pela resposta a uma bateria de testes algo morosa e pouco atrativa.

Agradeço também à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais que me possibilitaram a recolha de dados valiosos, sem os quais esta investigação não poderia cumprir os objetivos a que se propunha. Neste âmbito, aproveito também para agradecer aos guardas-prisionais do Estabelecimento Prisional do Montijo, que me fizeram sentir bem-vinda e que se dispuseram prontamente a auxiliar na aplicação da bateria de testes.

Um grande obrigada à Professora Doutora Íris Almeida que se prontificou sempre a ajudar-me e a explicar-me tudo o que não entendia, e até o que eu não sabia não entender. E que, apesar de possivelmente nem o saber, me ter tranquilizado e amparado em momentos bastante complicados.

Por fim, e como não poderia deixar de ser, agradeço à minha orientadora de tese, Professora Doutora Cristina Soeiro, por todo o apoio, por todo o esforço e pela transmissão de conhecimentos, não só ao longo deste semestre, como também ao longo de todo o meu percurso académico.

## **Resumo**

A presente dissertação de mestrado tem como principal objetivo realizar uma análise exploratória das qualidades psicométricas do How I Think – Questionnaire (HIT-Questionnaire; Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001), numa amostra da população adulta portuguesa. Uma vez que o HIT-Questionnaire se encontra construído para avaliar distorções cognitivas self-serving, relacionadas com a manifestação de comportamentos antissociais, a presente amostra é composta por indivíduos da população geral ( $n=713$ ) e por indivíduos que se encontram reclusos ( $n=21$ ). Os resultados revelaram bons índices de consistência interna e foram verificados os diversos tipos de validade. Ou seja, HIT- Questionnaire correlaciona-se positivamente com os scores de outro instrumento de avaliação de distorções cognitivas (Escala de Distorções Cognitivas; Briere, 2000), e correlaciona-se negativamente com os scores de um instrumento de avaliação de empatia (Índice de Reatividade Interpessoal; Davis, 1980). O HIT-Questionnaire revelou boa validade preditiva e concorrente. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a população forense e não forense, sendo que os indivíduos reclusos obtiveram scores mais elevados no HIT-Questionnaire. Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas na população geral, em relação ao sexo, sendo que os indivíduos do sexo masculino apresentaram scores mais elevados no HIT-Questionnaire. Pôde-se concluir que, por possuir boas capacidades psicométricas, o HIT-Questionnaire pode ser aplicado a adultos da população portuguesa, uma vez que deteta com acuidade a presença de distorções cognitivas self-serving.

*Palavras-chave: Distorções Cognitivas; How I Think – Questionnaire; Qualidades Psicométricas*

## **Abstract**

The following dissertation's main objective is to make an exploratory analysis of the psychometric qualities of the How I Think – Questionnaire (HIT-Questionnaire), in a sample of Portuguese adults. Since HIT-Questionnaire is built to evaluate self-serving cognitive distortions, related with the manifestation of antisocial behaviors, the present sample is comprised of individuals from the general population ( $n=713$ ) and inmates ( $n = 21$ ). The results revealed good levels of internal consistency and the different kinds of validity were verified. The HIT-Questionnaire correlates positively with the scores of other instrument for assessment cognitive distortions (Cognitive Distortions Scale; Briere, 2000), and correlates negatively with the scores of an instrument to assess empathy (Interpersonal Reactivity Index, Davis, 1980). There were statistically significant differences between general population and inmates, being that inmates obtained higher HIT – Questionnaire scores. There were also found statistically significant differences between sexes, among the general population, being males obtained higher HIT – Questionnaire scores. The present dissertation allows to conclude that HIT – Questionnaire can be applied to general population Portuguese adults, because it had good psychometric qualities, since it detects accurately the presence of self-serving cognitive distortions.

*Key-words: Cognitive Distortions; How I Think – Questionnaire; Psychometric Qualities*

## Résumé

Cette thèse a pour principal objectif de procéder à une analyse exploratoire des propriétés psychométriques du How I Think – Questionnaire (HIT-Questionnaire; Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001), dans un échantillon de la population portugaise adulte. Comme le HIT-Questionnaire vise à évaluer les distorsions cognitives self-serving, liés à la manifestation de comportements antisociaux, cet échantillon est composé d'individus de la population en général ( $n=713$ ) et par des prisonniers ( $n=21$ ). Les résultats ont montré une bonne cohérence interne et vérifié les différents types de validité. C'est à dire, le HIT-questionnaire est positivement corrélée avec les résultats d'autres instruments d'évaluation des distorsions cognitives (Cognitive Distortions Scale; Briere, 2000), et une corrélation négative avec les scores d'un instrument pour évaluer l'empathie (Interpersonal Reactivity Index; Davis, 1980). Le HIT-questionnaire a montré une bonne validité prédictive et concurrent. Il n'y avait pas de différences statistiquement significatives entre la population étudiée, étant donné que les reclus ont obtenus des résultats plus élevés dans le HIT-Questionnaire. Il y avait également des différences statistiquement significatives dans la population en général, en ce qui concerne le sexe, étant donné que les mâles ont obtenus des résultats plus élevés dans le HIT-Questionnaire. On peut conclure que le HIT-Questionnaire peut s'appliquer à la population portugaise adulte, car il détecte avec précision la présence de distorsions cognitives self-serving (a de bonnes propriétés psychométriques).

*Mots-clés: Distorsions Cognitives; How I Think – Questionnaire; propriétés psychométriques*

## Índice Geral

Introdução.....	12
Distorções Cognitivas.....	14
Tipos de Distorções Cognitivas.....	16
Distorções Cognitivas e Comportamento Antissocial - Prevalência.....	18
Empatia.....	20
O Comportamento Antissocial, as Distorções Cognitivas e a Empatia.....	23
Os Autorrelatos como Instrumentos de Avaliação Psicológica Forense.....	27
A Avaliação de Distorções Cognitivas com o HIT-Questionnaire.....	29
Objetivos e Hipóteses .....	33
Método.....	34
Participantes.....	34
amostra A.....	34
amostra B. ....	34
Instrumentos .....	35
Procedimento .....	37
Resultados.....	40
Amostra A+B.....	40
verificação da fidedignidade, da validade (de construto e de conteúdo) e da	
estrutura fatorial do HIT-Questionnaire. ....	40
diferenças de média nos scores do HIT-Questionnaire, em relação à amostra. ....	46
correlação entre os score do HIT-Questionnaire e do CDS com os scores do IRI. ....	47
Amostra A.....	47
diferenças de média nos scores do CDS, em relação ao sexo. ....	47
diferenças de média nos scores do HIT-Questionnaire, em relação ao sexo, à faixa	
etária e à escolaridade.....	48
Discussão .....	51
Conclusão .....	56
Referências .....	58
Anexos.....	66



## Índice de Figuras

Figura 1 .....	43
----------------	----

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 .....	41
Tabela 2 .....	42
Tabela 3 .....	44
Tabela 4 .....	45
Tabela 5 .....	46
Tabela 6 .....	47
Tabela 7 .....	48
Tabela 8 .....	49
Tabela 9 .....	50

### **Lista de Abreviaturas**

CDS: Escala de Distorções Cognitivas

HIT-Questionnaire: How I Think – Questionnaire

IC: Intervalo de Confiança

IRI: Índice de Reatividade Interpessoal

## Introdução

A presente dissertação de mestrado tem como principal objetivo realizar uma análise exploratória das propriedades psicométricas do How I Think – Questionnaire (HIT-Questionnaire; Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001), em adultos reclusos e não reclusos da população portuguesa. Esta análise irá debruçar-se na fidedignidade, na validade e na replicação da estrutura fatorial do HIT-Questionnaire.

No campo da psicologia forense e criminal as distorções cognitivas desempenham um papel fundamental quer para a compreensão, quer para a predição do comportamento antissocial, uma vez que funcionam como facilitadores e mediadores deste (e.g. Barriga & Gibbs, 1996; Barriga, Landau, Stinson, Liao & Gibbs, 2000; Sykes & Matza, 1957). Para além desta relação, existem também vários estudos que suportam a ideia de que existe uma relação forte entre as crenças que suportam o comportamento antissocial e os défices a nível da empatia (e.g. Blake & Gannon, 2008; Ward & Keenan, 1999).

Uma vez que não existe em Portugal nenhum instrumento capaz de avaliar distorções cognitivas *self-serving*, considera-se que a validação das qualidades psicométricas do HIT-Questionnaire irá permitir avaliar com maior precisão a natureza das distorções cognitivas, identificar necessidades criminogénicas e adotar o tipo de estratégia de intervenção mais capaz de efetuar no indivíduo as alterações, cognitivas e comportamentais, almejadas.

Estes aspetos foram considerados importantes não só no que concerne à prevenção da criminalidade, mas também no que concerne à intervenção com agressores. Posto isto, foram consideradas neste estudo dois tipos de amostra. Uma proveniente da população geral, e outra proveniente de um estabelecimento prisional. Em qualquer uma das amostras, a faixa etária com maior percentagem de indivíduos é a que abarca as idades compreendidas entre os 21 e os 59 anos o que, de encontro aos dados recolhidos no último relatório da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2012), corresponde ao escalão etário da maioria dos reclusos portugueses (97,5%).

A presente investigação pode ser dividida em duas partes distintas mas intimamente interligadas. A primeira parte consiste essencialmente numa revisão teórica sobre o estado-da-arte dos conceitos pertinentes para a investigação. Já a segunda parte, consiste na realização do estudo empírico propriamente dito, cujos resultados pretendem ir de encontro a, ou refutar, as informações recolhidas no estado-da-arte.

Assim, primeiramente será apresentada uma pequena e sintética revisão de literatura acerca do conceito de distorções cognitivas, ao mesmo tempo que serão descritos e explicados conceitos considerados importantes para a compreensão das mesmas; seguidamente será apresentada, à semelhança do que aconteceu com o tópico anterior, uma pequena e sintética revisão de literatura acerca do conceito de empatia; posteriormente serão identificadas e descritas as relações existentes entre os dois conceitos supramencionados e as especificidades destes nas populações forenses; finalmente, a primeira parte da investigação termina com a descrição humilde das potenciais vantagens e desvantagens da aplicação de autorrelatos como instrumentos de avaliação psicológica junto de populações forenses.

Na segunda parte, inicialmente serão descritos os métodos utilizados, incluindo a descrição detalhada dos participantes, dos instrumentos e do procedimento; seguidamente serão apresentados os resultados, cuja ordem se rege de acordo com os objetivos e hipóteses em estudo; em seguida, e em articulação com o estado-da-arte, é feita a discussão dos resultados obtidos; por fim, serão apresentadas as conclusões, bem como as limitações e as sugestões para investigações futuras.

### **Distorções Cognitivas**

No campo da investigação e prática forense, as distorções cognitivas têm sido reconhecidas como importantes facilitadores e mediadores para a compreensão, predição e tratamento do comportamento antissocial (e.g. Barriga et al., 2000; Liau, Barriga & Gibbs, 1998; Maruna & Mann, 2006; Sykes & Matza, 1957), sendo este entendido como um comportamento que causa danos direta ou indiretamente no *outro*, através do desrespeito pelas normas sociais ou morais, incluindo comportamentos agressivos e delinquentes (Soeiro & Gonçalves, 2010).

De acordo com as teorias acerca da cognição social, os indivíduos comportam-se de acordo com as interpretações que fazem dos eventos e essa interpretação é única em cada indivíduo, ocorrendo de acordo com a organização das crenças na memória (Gannon, 2009; Hollon & Kriss, 1984).

As crenças são ideias ou proposições aceites como verdadeiras pelo indivíduo e, elas próprias, formam entre si ligações fortemente associadas às experiências vivenciadas o que, por sua vez, contribui para a criação de fortes ligações recíprocas de crenças. A estes conjuntos de crenças fortemente interligadas dá-se o nome de esquemas cognitivos. Estes fornecem ao indivíduo, quase de modo automático, padrões para o entendimento dos comportamentos dos outros, o que favorece a posterior adaptação comportamental do mesmo (Fiske & Taylor, 1991). Ou seja, os esquemas cognitivos fornecem preditores do comportamento social e encontram-se baseados nas expectativas do próprio indivíduo. Assim, a possível ocorrência de erros aquando a sua interpretação pode ter consequências muito negativas, especialmente a nível das relações interpessoais (Gannon, 2009).

É colocada a hipótese de que quando os indivíduos possuem tempo e recursos, conseguem interpretar os comportamentos dos outros e adaptar os seus próprios comportamentos de um modo lógico, deliberado e cuidadoso (Fiske & Taylor, 1991; Kelly, 1967, citado por Gannon, 2009). No entanto, na grande maioria das vezes, os indivíduos recorrem de forma automatizada aos esquemas pré-existentes para interpretar os eventos sociais (Augoustinos & Walker, 1995; Fiske & Taylor, 1991). Por isto, os indivíduos são incapazes de interferir nos processos de criação de impressões, interpretações e respostas.

Sem este conhecimento acerca da utilização dos esquemas cognitivos, os indivíduos ficam então sujeitos a moldar as suas novas experiências sociais com base na informação já recolhida e esta é largamente suscetível a mecanismos de atenção e de

armazenamento seletivos, bem como a mecanismos de recolha de informação incongruentes e ambíguos (Bartlett, 1932; Fiske & Taylor, 1991).

Os esquemas cognitivos são naturalmente auto confirmatórios uma vez que a informação já recolhida é utilizada para dar sentido, descrever, interpretar e prever todo o meio ambiente. Esta característica pode ser entendida tanto como a sua maior vantagem, como a sua maior desvantagem. Uma das desvantagens mais notórias ocorre quando um determinado esquema se torna “crónico”, isto é, quando um determinado esquema foi suportado repetidamente durante um certo período de tempo e, perante situações novas, é ativado automaticamente podendo assim controlar as interpretações que o indivíduo faz deste novo evento (Gannon, 2009).

Bandura (1989), referiu acerca dos mecanismos que ativam ou inibem comportamentos que estes se moldam de acordo com justificações morais, com rótulos eufemísticos, comparações vantajosas, deslocções de responsabilidade, distorções acerca das consequências dos atos, desumanização do outro e de acordo com atribuições erradas da culpa. Estes mecanismos serviriam para o indivíduo justificar a si próprio os seus comportamentos.

Ainda tendo em conta as teorias acerca da cognição social, o comportamento antissocial surge pela ocorrência de défices aquando a interpretação dos eventos – estes défices tomam o nome de distorções cognitivas (Nas, Brugman & Koops, 2008). Estas são formas enviesadas ou incorretas de atribuição de significado às experiências, e assumem um papel importante na proteção do *self* da culpa e de um autoconceito negativo o que, por sua vez, facilita a ocorrência de comportamentos agressivos e antissociais, podendo ainda suprimir respostas empáticas (Barriga & Gibbs, 1996).

O termo distorções cognitivas surge com Beck (1963), para descrever o “conteúdo do pensamento idiossincrático indicativo de conceções distorcidas ou irrealistas” (p. 324). No entanto, no âmbito do comportamento sexual desviante, foram Abel et al. (1989, citado por Vieira, 2010), que introduziram a utilização do termo. Inicialmente, este era somente destinado a abusadores sexuais e as distorções cognitivas resultariam de um processo interno que incluía justificações, perceções e juízos utilizados pelos agressores, o que lhes permitia racionalizar o comportamento sexual dirigido às crianças (Vieira, 2010).

Até aos dias de hoje o termo *distorção cognitiva* tem sido utilizado como sinónimo de crenças desadaptativas, justificações, racionalizações, minimizações, esquemas implícitos, entre outros (Gannon, Keown & Plaschek 2007).

Independentemente do tipo de agressor e uma vez que se encontre motivado para o ato, este terá de encontrar forma de ultrapassar as suas inibições internas, contra a agressão, para o conseguir concluir. Neste âmbito, Williams e Finkelhor (1990), referem vários fatores que podem promover no agressor essa desinibição. Estes incluem aspetos como o consumo de álcool, a psicose, perturbações a nível do controlo dos impulsos, competências sociais inadequadas, entre outros. Um outro fator que parece auxiliar os agressores a ultrapassar as suas inibições internas, são as cognições (de carácter erróneo). Estas permitem-lhe negar, minimizar, justificar e/ou racionalizar o seu comportamento e cumulativamente ajudam a mante-lo ao longo do tempo (Murphy, 1990).

Estes erros de pensamento são descritos como sendo inerentes à personalidade criminal (Yochelson & Samenow, 1976), aos mecanismos de “afastamento moral”, que separam o comportamento antissocial da autoavaliação negativa do indivíduo (Bandura, 1991, citado por Barriga, Hawkins & Camélita, 2008), à criação de enviesamentos que levam a uma errada interpretação da informação social (Deater-Deckard & Dodge, 1997), e à presença de distorções cognitivas que reduzem a empatia ou culpa (Barriga, Hawkins & Camélia, 2008).

### **Tipos de Distorções Cognitivas**

Apesar de não fazerem referência ao termo distorções cognitivas propriamente dito, Sykes e Matza (1957), referiram que a maior parte do comportamento antissocial estava assente em racionalizações inconscientes que eram válidas para o criminoso mas não para a sociedade. Para além disto, para o comportamento antissocial ocorrer, seria necessário o indivíduo neutralizar as pressões internas e externas de conformidade com as normas sociais.

Já nos anos 50, os autores postularam que o comportamento criminal surgia a partir de um processo de aprendizagem de técnicas, motivações e de racionalizações que conduziam ao cometimento de crimes. Assim, definiram um conjunto de técnicas de neutralização que correspondem a uma lista de justificações que os indivíduos apresentam aquando o cometimento de atos delinquentes e antissociais.

A primeira técnica foi chamada “negação da responsabilidade” e permitia ao indivíduo negar a responsabilidade pelos seus comportamentos, reduzindo pressões morais externas e internas. A segunda técnica foi denominada “negação da culpa”, esta assentava na crença de que o comportamento antissocial não teria causado dano na



vítima. Intimamente ligada à técnica anterior, surge a técnica de neutralização “negação da vítima”. Esta operava do seguinte modo: mesmo quando o indivíduo assumia que eventualmente pudesse ter causado dano na vítima, interpretava-o como sendo algo que esta mereceu. A quarta técnica de neutralização é a “condenação dos condenadores” e permite ao indivíduo atribuir a responsabilidade do seu comportamento àqueles que o condenam. Isto porque, segundo esta técnica de neutralização, as estruturas de controlo social (e.g. polícias e juízes), seriam injustas e apenas ambicionavam obter protagonismo quando condenavam o comportamento antissocial. Por fim, a técnica “apelo à lealdade” referia-se à lealdade que o indivíduo assumia possuir em relação a subgrupos sociais de índole marginal (e.g. gangs), ao invés de a demonstrar pela sociedade.

Segundo a teoria da neutralização (Sykes & Matza, 1957), as neutralizações diminuem a efetividade da pressão social na inibição do comportamento delinquente e antissocial. Assim, quando os indivíduos se convencem de que não existem, nos seus comportamentos, manifestações delinquentes e/ou antissociais, evitam a experiência de emoções negativas (e.g. culpa e vergonha). Os autores afirmam que este processo de “se convencer a si próprio”, está na base de toda a teoria da neutralização. Estas justificações e racionalizações, para além de protegerem o indivíduo de repercussões emocionais negativas, precedem o comportamento criminal tornando-o de mais fácil execução para o indivíduo (Sykes & Matza, 1957).

As distorções cognitivas podem estar presentes em comportamentos de internalização e de externalização. No caso de presentes em comportamentos de internalização, são denominadas por distorções cognitivas *self-debasing*. Beck (1963), na sua teoria da depressão, definiu estas distorções como um sistema de crenças disfuncionais e depressivas, que se manifestam de forma “automática” no indivíduo acerca do self, do mundo e do futuro.

Vários investigadores utilizaram a teoria da depressão de Beck, para definirem as seguintes categorias de distorções cognitivas *self-debasing* (relacionadas com sintomas de ansiedade e depressão): “catastrofizar”, “sobre-generalizar”, “personalizar” e “abstração seletiva”. Segundo Barriga, et al. (2000), a categoria “catastrofizar”, refere-se a antecipar o resultado de uma experiência como catastrófica, ou interpretar erroneamente um evento como catastrófico; a categoria “sobre-generalizar”, refere-se a assumir que o resultado de uma experiência passada será o mesmo em experiências similares no futuro; já a categoria “personalizar”, diz respeito a assumir a

responsabilidade pelos eventos negativos, ou a interpretar esses eventos como tendo um significado pessoal; por fim, a categoria “abstração seletiva”, refere-se ao prestar de atenção, de modo seletivo, apenas aos aspetos negativos das experiências.

No que concerne aos comportamentos de externalização e aos comportamentos agressivos, são as distorções cognitivas self-serving que estão presentes (Barriga & Gibbs, 1996; Barriga et al., 2008).

Barriga e Gibbs (1996), dividiram o conceito de distorções cognitivas self-serving em distorções cognitivas primárias: atitudes, pensamentos e crenças autocentradas (enviesamentos que se traduzem em egocentrismo e, consequentemente, no não acatamento de normas sociais e morais); e secundárias: caracterizadas por racionalizações, pré ou pós transgressivas, que permitem ao indivíduo neutralizar a consciência ou culpa e prevenir danos na autoimagem, após o comportamento antissocial (e.g. culpar os outros; minimizar os atos cometidos).

Os autores criaram um modelo composto por quatro categorias de distorções cognitivas self-serving. A primeira categoria é denominada “autocentração” e é definida pela presença de atitudes centradas nas opiniões, direitos, expectativas e necessidades do próprio e pela negligência dos direitos ou opiniões dos outros; a segunda categoria é denominada “culpar os outros” e envolve os esquemas cognitivos de atribuição de culpa aos outros pelos atos cometidos pelo próprio; a terceira foi intitulada “minimizar/desvalorizar”, nesta inserem-se as distorções cognitivas que tornam o comportamento antissocial aceitável e por vezes necessário para atingir os objetivos do próprio, sendo que pode ocorrer o menosprezar e o desumanizar dos outros; por fim a categoria “assumir o pior”, refere-se às distorções cognitivas que atribuem intenções hostis ao outro, assim os comportamentos do próprio indivíduo surgem para este como inevitáveis, dada a situação (Barriga & Gibbs, 1996).

### **Distorções Cognitivas e Comportamento Antissocial - Prevalência**

No que concerne à prevalência dos comportamentos antissociais de externalização, estes manifestam-se de forma mais vincada em indivíduos do sexo masculino do que em indivíduos do sexo feminino (Burnette, 2013; Fergusson Boden & Horwood, 2010; Maughan, Rowe, Messer, Goodman & Meltzer, 2004; Munkvold, Lundervold & Manger, 2011).

Quanto às distorções cognitivas self-serving, McGlynn, Hahn e Hagan (2013), encontraram que os indivíduos do sexo feminino exibiam menos distorções do que os

do sexo masculino, mesmo previamente à implementação do programa de tratamento de redução de distorções cognitivas em agressores.

No entanto, não existe ainda na literatura consenso acerca destes dados. Ou seja, apesar de existirem estudos que concluem que o sexo masculino apresenta índices mais elevados de comportamento antissocial, o facto é que estes estudos podem estar enviesados uma vez que se tendem a focar em amostras compostas por elementos do sexo masculino já referenciadas (Mannuzza, Klein, Abikoff & Moulton, 2004; Burnette, 2013), enquanto que as amostras femininas provêm usualmente da população geral. Para além disto, é também referido que o diagnóstico se encontra igualmente enviesado pelo sexo dos indivíduos uma vez que dá maior ênfase à violência física e a comportamentos tipicamente masculinos, negligenciando a violência relacional e as manifestações tipicamente femininas do comportamento antissocial (Burnette, 2013).

Quanto às distorções cognitivas self-debasing, Beck (1963), referiu que quando estas se encontram relacionadas com uma excessiva necessidade de aprovação pelos outros, ou quando relacionadas com níveis elevados de perfeccionismo, colocam os indivíduos mais vulneráveis a desenvolverem depressões e/ou sintomas depressivos. Isto justifica o facto de a depressão e o humor depressivo terem vindo a ser relacionados com o comportamento antissocial, especialmente em indivíduos do sexo feminino (Pulay et al., 2007; Vaske & Gehring, 2010).

Resultados similares são os apresentados por Obeidallah e Earl (1999, citado por Vaske & Gehring, 2010). Estes encontraram que os indivíduos do sexo feminino com depressão, apresentam um risco mais elevado de cometer crimes contra as pessoas e contra o património. Neste estudo, 82% das participantes que estavam diagnosticadas com depressão tinham cometido, no último ano, um crime contra as pessoas sendo que, apenas 42% das restantes participantes (sem depressão) o tinha cometido também.

Em Portugal, os dados do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI, 2012), relativamente ao sistema prisional, indicam que a população reclusa é constituída por 13614 indivíduos, 94.4% dos quais são sexo masculino e 5.6% do sexo feminino.

Quanto à idade em que o comportamento antissocial se manifesta com mais frequência, Moffit (1993, 1997), refere que a maioria do comportamento antissocial se limita ao período da adolescência e que ocorre devido às características específicas desta fase de desenvolvimento assumindo, dentro de certos parâmetros, um carácter normativo (comportamento delinquente limitado à adolescência). Estes indivíduos seriam caracterizados por um início de passagem ao ato durante a adolescência

(raramente antes dos 11 ou 12 anos de idade), existindo portanto uma descontinuidade em relação ao comportamento manifesto durante a infância. Os seus atos teriam um carácter utilitário (de ganhos materiais ou como forma de inserção num grupo de pares), exploratório (pelo afastamento dos valores familiares e formação da própria identidade) e limitado no tempo (uma vez que o comportamento antissocial cessaria após a passagem da adolescência para a idade adulta).

No entanto, Moffit (1993, 1997), identifica ainda um pequeno grupo de indivíduos que continua a manifestar estes comportamentos na idade adulta (comportamento delinquente persistente). Estes indivíduos começariam a manifestar problemas comportamentais precocemente durante a infância, sendo frequente a existência de perturbações de hiperatividade, défices nas funções inibitórias, problemas de aprendizagem, insucesso escolar e défices afetivos (relacionados com o tipo de vinculação). A associação a pares delinquentes reforçaria as atividades antissociais e prolongaria o comportamento delinquente para a idade adulta. Estes indivíduos teriam, um perfil marcado por fatores de risco neurobiológicos e ambientais.

### **Empatia**

Vários estudos suportam a ideia de que existe uma relação forte entre as crenças que suportam o comportamento antissocial e os défices a nível da empatia (e.g. Blake & Gannon, 2008; Ward & Keenan, 1999), sendo que os mecanismos base desses défices são as distorções cognitivas. Exemplo disso é o tipo de distorção cognitiva minimizar/desvalorizar que minimiza, no agressor, a perceção que este tem do dano que causa na vítima.

À semelhança do conceito de distorção cognitiva, também o conceito de empatia tem sido alvo de diversas investigações. O termo empatia tem sido empregue em diferentes contextos, designando diversos comportamentos do ser humano. Foi utilizado pela primeira vez no século XIX na Alemanha (*einfhulung*), e originalmente referia-se à resposta emocional que determinado objeto estético provocava no indivíduo. Segundo Wispe (1992, citado por Oliveira, Falcone & Junior, 2009), esta resposta emocional refletiria a predisposição interna do indivíduo, que atribuiria beleza, ou falta de beleza, ao objeto observado.

Na literatura o termo deu origem à criação de várias definições (Oliveira et al., 2009). No entanto, todas elas têm em comum o facto de se referirem ao indivíduo empático como alguém que possui a capacidade de entender os sinais representativos de

emoções e de sentimentos no outro e que possui a capacidade de comunicar esse entendimento de forma a que o outro se sinta compreendido.

A empatia é atualmente descrita como um conceito multidimensional que incorpora a componente cognitiva, a componente afetiva (e.g. Davis, 1983; McCullough, Worthington Jr. & Rachal, 1997), e a componente comportamental do indivíduo (Oliveira et al., 2009). Assim, a componente cognitiva refere-se à capacidade para adotar a perspetiva do outro sem recorrer a julgamentos pessoais (Davis, 1983; Oliveira et al., 2009), a componente afetiva refere-se à capacidade de reagir emocionalmente à emoção do outro (Davis, 1983; Davis & Oathout 1987; Oliveira et al., 2009), a expressar solidariedade, condolência e ternura (Batson & Shaw, 1991; Del Prette & Del Prette, 2001), e a demonstrar preocupação com o bem-estar do outro (Hoffman, 1992, citado por Oliveira et al., 2009). Por fim, a componente comportamental pode-se expressar quer pela linguagem verbal (e.g. verbalizar o estado interno do outro), quer pela linguagem não-verbal (e.g. proximidade física). É importante referir que nenhuma destas componentes, quando identificadas individualmente no indivíduo, indicam que o mesmo é empático (Oliveira et al., 2009).

Eisenberg (1986), distingue três tipos de reações emocionais que frequentemente são designadas por empatia: a expressão em reflexo do sentir do outro, a resposta a uma emoção do outro e a manifestação de ansiedade perante o estado do outro.

De acordo com o modelo proposto por Davis (1983), a empatia é um traço de personalidade estável, composto por quatro categorias: “distress pessoal” (tipo de stress com consequências exclusivamente negativas para o indivíduo), “preocupação empática”, “tomada de perspetiva” e “fantasia”. Com base neste modelo o autor desenvolveu o Índice de Reatividade Interpessoal (IRI; Davis, 1983), uma medida que permite avaliar as categorias suprarreferidas.

O distress pessoal é caracterizado pela presença de um sentimento de angústia e pela focalização no sofrimento do outro. Esta categoria é considerada uma forma mal adaptada de empatia quando se encontra associada à ansiedade, à baixa autoestima, ao sentimento crónico de medo e/ou vulnerabilidade emocional (Davis, 1983). O autor define preocupação empática como a capacidade de possuir sentimentos de simpatia e de preocupação com os problemas dos outros. Esta categoria é entendida como positiva, uma vez que se encontre associada a ligações emocionais estáveis. Pode ser entendida como uma preocupação não-egoísta, em que o indivíduo se posiciona consoante o outro (Davis, 1983). Consequentemente, possuir preocupação empática, diminui a ansiedade e

a desconfiança nas relações interpessoais, tornando-as menos solitárias e desapegadas do ponto de vista emocional (Britton & Fuendeling, 2005). No entanto, por outro lado, esta categoria encontra-se relacionada positivamente com sentimentos de ansiedade e de timidez (Davis, 1983). A categoria tomada de perspectiva, refere-se à capacidade para compreender o ponto de vista dos outros, o que contribui para a criação de relações interpessoais saudáveis. Davis (1983), define-a como a habilidade de, espontaneamente, adotar o estado psicológico dos outros. Esta categoria tem sido alvo de diversas investigações e tem-se constituído como o aspeto mais positivo e importante do conceito empatia. Uma das suas características mais importantes é o facto de permitir ao indivíduo antecipar as reações do outro criando, deste modo, relações mais estáveis e intimas e melhor ajustamento social (Joireman, Parrott & Hammersla, 2002). Bernstein e Davis (1982), referem que os indivíduos que possuem índices mais elevados de tomada de perspectiva possuem também mais precisão no que concerne a julgamentos morais. Por fim, a categoria fantasia é definida pela tendência que o indivíduo possui para assumir como seus os sentimentos e ações fictícias dos personagens de filmes, livros, entre outros. Esta categoria, de todas as descritas pelo autor, é aquela sobre a qual existe menos investigação no que concerne à sua relação com os aspetos relacionados com o funcionamento interpessoal. No entanto, os estudos existentes indicam que a fantasia se encontra associada a características como ser tímido, solitário e ansioso em interações sociais (Joireman et al., 2002). Cumulativamente, os indivíduos possuem esta característica da empatia tendem a dedicar a maior parte do seu tempo livre a atividades não sociais, como ver televisão e ler (Davis, 1983).

A investigação levada a cabo por Lange e Couch (2011), revelou que a ausência, ou a exacerbação, que os indivíduos manifestam nas categorias da empatia propostas por Davis, se encontram relacionadas com a existência de problemas interpessoais a nível da assertividade, sociabilidade, intimidade, submissão e controlo.

Resultados semelhantes foram obtidos por Bayley, Henry e Hippel (2008), que concluíram que a existência de capacidades empáticas, para além de contribuir para a manutenção de relações sociais de longo-termo, é como um pré-requisito essencial para o próprio funcionamento social. Os autores encontraram uma correlação significativa e negativa da empatia com a agressividade e positiva com o comportamento prosocial.

Este conceito tem sido referido por vários autores como um elemento fundamental na personalidade do indivíduo e na prevenção da agressividade entre pares (Veiga & Santos, 2013). Sendo que, a falta de competências de empatia se encontra

associada a dificuldades na compreensão dos comportamentos sociais, na autorregulação e no autocontrolo emocional, o que contribuí para a manifestação de comportamentos agressivos (Veiga & Santos, 2013).

Podemos então considerar que a empatia desempenha um papel fundamental, na melhoria e manutenção das relações interpessoais.

### **O Comportamento Antissocial, as Distorções Cognitivas e a Empatia**

O comportamento antissocial é definido como um comportamento que causa danos direta ou indiretamente no outro, através do desrespeito pelas normas sociais ou morais e inclui comportamentos agressivos e delinquentes (e.g. Soeiro & Gonçalves, 2010).

Sestir e Bartholow (2007), encontraram fortes evidências, resultantes quer da prática quer da investigação teórica, que relacionam as cognições com o comportamento antissocial. Existem diversos estudos que evidenciam não só a existência de ligações entre a cognição e o comportamento antissocial (Bandura, 1991, citado por Wallinius, Johansson, Lardén & Dernevik, 2011; Barriga et al., 2000; Walters & Geyer, 2004), bem como a existência de padrões distintos de pensamento entre a população forense e população não forense (Yochelson & Samenow, 1976).

É necessário sublinhar que não existe ainda consenso acerca da terminologia que deve ser utilizada para descrever estas tais diferenças (Simourd & Olver, 2002). Assim, a terminologia inclui termos como atitudes antissociais, estilo de pensamento criminal, cognição social, e distorções cognitivas self-serving, entre outros (Wallinius et al., 2011). No presente estudo serão utilizados os mesmos termos que os autores originais das investigações utilizaram.

Várias investigações indicam que os reclusos demonstram padrões diferentes de pensamento em comparação com a população não forense (Walters, 1995, 2002; Yochelson & Samenow, 1976). Neste âmbito Yochelson e Samenow (1976), postularam, na primeira conceptualização acerca do pensamento criminal, que os reclusos possuem processos de pensamento diferenciais únicos que se encontram presentes nos vários aspetos das suas vidas. Estes padrões de pensamento criminal foram considerados erróneos uma vez que negam a aceitação da responsabilidade pelas suas próprias ações (apesar do indivíduo não ter, de facto, conhecimento acerca da natureza errónea do seu pensamento).

Com base em informações recolhidas através de entrevistas a reclusos Yochelson e Samenow (1976), identificaram 52 erros de pensamento que suportam o comportamento criminal e que podem resultar num estilo de vida antissocial. Como por exemplo o “corrosão” (que corresponde a um processo lento de deterioração dos mecanismos externos e internos do indivíduo, que o impedem de cometer crimes), o “cutoff” (que corresponde a um mecanismo que permite ao agressor parar abruptamente de pensar acerca desses impedimentos o que, conseqüentemente, o impele a praticar o comportamento antissocial) e o “super otimismo” (que se manifesta num mecanismo que aumenta a confiança do agressor, convencendo-o de que será bem sucedido). Ainda segundo os autores, ao longo do tempo estes processos e mecanismos tornar-se-iam automáticos e permitiriam ao agressor iniciar o ciclo de cometimento de comportamentos antissociais, passando por estes diferentes estágios de pensamento, de modo rápido e rotineiro.

Estes 52 erros de pensamento foram agrupados em três grandes áreas: padrões de pensamento criminal, erros automáticos de pensamento e processos erróneos de pensamento desde a fase pré-transgressiva até à execução do ato. E, apesar destes tipos de pensamento disfuncional poderem estar presentes, muitos deles não se manifestavam em comportamentos problemáticos (Walters, 1995, 2002; Yochelson & Samenow 1976). No entanto, os autores também alertam para o facto de que possuir tipos de pensamento disfuncionais, ainda que estes não tenham sido postos em prática, funciona como fator de risco para o comportamento antissocial.

Com base nestas evidências Yochelson e Samenow (1976), concluem que para efetuar mudanças no comportamento criminal, primeiro é necessário detetar e alterar os padrões de pensamento disfuncionais.

Tendo em conta o *framework* de Yochelson e Samenow (1976), Walters (1990, citado por Mandracchia, Morgan, Garos & Garland, 2007), desenvolveu um modelo de pensamento criminal segundo o qual o comportamento criminal derivaria de padrões cognitivos. Assim, o autor afirmou que o crime podia ser entendido como um estilo de vida, suportado por um sistema de crenças e justificações, e por racionalizações do comportamento antissocial.

No entanto, Walters (1990, citado por Mandracchia et al., 2007), acabou por criticar as conceptualizações de Yochelson e Samenow (1976), no que concerne aos erros de pensamento. Considerou-as pouco operacionais, difíceis de avaliar empiricamente, com dificuldades a nível de generalização e de aplicabilidade e apontou



como grande fraqueza o facto de a teoria não reconhecer a influência dos fatores ambientais nos pensamentos erróneos.

Samenow (2004), afirma que os erros de pensamento identificados em indivíduos que manifestam comportamento criminal começam a ser desenvolvidos enquanto estes ainda são crianças. Assim, as cognições que suportam o crime vão sendo consolidadas ao longo do tempo e resultam numa holística “mente criminal”. Segundo o autor, os “criminosos” rejeitam a sociedade e preferem assumir o papel de vítimas, sendo que, apesar de possuírem controlo sobre as suas ações, culpam os outros pelos seus comportamentos e manipulam-nos a fim de atingirem os seus próprios objetivos. Ainda segundo Samenow (2004), a excitação que estes indivíduos retiram do cometimento de crimes, funciona como uma forma de preencher o vazio emocional que sentem.

Gendreau, Little e Goggin (1996), encontram que as necessidades criminógenas (e.g. cognições, valores e comportamentos antissociais) são o melhor preditor de reincidência criminal. Verifica-se que as explicações que os agressores apresentam sobre os seus comportamentos vão variando ao longo do tempo mas que, ainda assim, estes não assumem a responsabilidade pelos seus comportamentos. Para além disso, as crenças tendem a consolidar-se à medida que as ofensas continuam, pois as explicações dadas pelos agressores acerca do seu comportamento servem para manter a autoestima e evitar uma autoimagem negativa.

Gendreau et al. (1996), referiram que a presença de crenças antissociais aparenta estar associada a má adaptação institucional e a baixa responsividade ao tratamento. O que os vários estudos e investigações nesta área do conhecimento têm vindo também a enfatizar é a necessidade de incluir nos projetos/programas de prevenção e de intervenção, uma análise cuidada das justificações utilizadas pelos agressores (Egan, Kavanagh & Blair, 2005).

Para além das ligações existentes entre a cognição e o comportamento antissocial, várias investigações confirmam que existem também fortes ligações entre os discursos que suportam comportamentos antissociais e os défices ao nível da empatia (e.g. Ward & Keenan, 1999). Atualmente, e como já foi mencionado anteriormente, a empatia encontra-se descrita como um conceito multidimensional que possui uma componente cognitiva, uma componente afetiva (Davis, 1983; Del Prette & Del Prette, 2001; McCullough et al., 1997) e uma componente comportamental (Oliveira et al., 2009).

Sykes e Matza (1957), referiram que as estratégias de neutralização suportam o comportamento antissocial, já que neutralizam a empatia (uma vez que os sentimentos do outro são reinterpretados por forma a inibir a resposta empática).

Níveis elevados de défices empáticos aparecem largamente associados a crenças que suportam o comportamento agressivo e antissocial e as distorções cognitivas self-serving aparecem inversamente correlacionadas com a empatia (McCrary et al., 2008).

Neste campo, é ainda questionado se os mecanismos-base são os mesmos ou se, por outro lado, os défices ao nível da empatia surgem pela presença de crenças que suportam os comportamentos agressivos e antissociais (Ward, Gannon & Keown, 2006). Não obstante, níveis mais elevados de empatia encorajam o comportamento pró-social e o comportamento altruísta. Em adição, défices ao nível da empatia encorajam o comportamento antissocial e o comportamento agressivo. Isto porque, estes tipos de comportamento encontram-se facilitados em indivíduos que não conseguem reconhecer os sentimentos dos outros (Miller & Eisenberg, 1988). Este aspeto pode ser vital para obter sucesso no processo de ressocialização e na redução da reincidência criminal.

Miller e Eisenberg (1988), tentaram avaliar a acuidade no reconhecimento de emoções em indivíduos empáticos e não empáticos. Os resultados revelaram que os indivíduos empáticos tiveram mais sucesso na avaliação dos estados emocionais no outro, do que os indivíduos não empáticos.

Ekman e Friesen (1975, citado por Blake & Gannon, 2008), realizaram um estudo comparativo entre indivíduos reclusos e não reclusos onde lhes foi pedido que, após a observação de várias faces masculinas e femininas, lhes fizessem corresponder seis diferentes emoções/sentimentos (raiva, medo, surpresa, desgosto, felicidade e tristeza). Os resultados mostraram que os reclusos tiveram mais erros na atribuição correta de cada emoção/sentimento à respetiva face.

Como também já foi mencionado anteriormente, a empatia desempenha um papel fundamental, na melhoria e manutenção das relações interpessoais. A título de exemplo, quando a incapacidade de tomar a perspetiva do outro diminui isso pode, em termos cognitivos, indicar a presença de processos de minimização/desvalorização do dano causado no outro. Do mesmo modo, a atribuição errónea de intenções hostis ao outro, substancia a falta de consideração e a indiferença pelas experiências vivenciadas por este (Blake & Gannon, 2008; Ward & Keenan, 1999).

Podemos então concluir que a cognição e os processos cognitivos ocupam um papel central para a experimentação de resposta empática no agressor antes, durante e após, o comportamento agressivo e/ou antissocial e que, estes processos, ao serem o núcleo do próprio comportamento, devem ser os primeiros sobre os quais intervir para obter as mudanças almejadas, a nível da redução da manifestação de comportamentos agressivos e antissociais.

### **Os Autorrelatos como Instrumentos de Avaliação Psicológica Forense**

A avaliação psicológica recorre usualmente a material escrito, de vários tipos, que impõem uma capacidade razoável de leitura.

Em Portugal, quando aumenta a idade do respondente, aumenta também a probabilidade de a sua literacia ser baixa. Esta baixa literacia, acrescida à reduzida experiência da população na utilização destas técnicas, exige dos técnicos cuidados redobrados na avaliação psicológica (Ribeiro, 2010).

A utilização por populações pouco literadas impõe cuidados no texto escrito das questões/afirmações e, se os procedimentos de passagem forem cuidados, a acuidade da avaliação não é prejudicada. A experiência prática com populações deste género confirma-o (Ribeiro, 1999, 2010).

No que diz respeito ao HIT- Questionnaire, este pode ser aplicado a indivíduos que possuam o 1º ciclo de escolaridade (Barriga, et al., 2001).

Não obstante acerca das questões relacionadas com a literacia, os resultados obtidos pelos instrumentos de autorrelato têm-se mostrado alvo de grande ceticismo, principalmente no que concerne às avaliações de carácter forense. Sendo que, preferencialmente, são utilizados instrumentos de heteroavaliação, complementados com pareceres clínicos (Kroner & Loza, 2011).

No que diz respeito às avaliações de carácter não forense, o ceticismo mantém-se. Segundo Osberg e Shauger (1990, citado por Kroner & Loza, 2011), as pessoas que se autoavaliam do ponto de vista psicológico não são capazes, ou simplesmente não conseguem, avaliar com acuidade o seu funcionamento e isto pode ser explicado de três formas distintas: (a) a literatura sobre estilos de resposta defende que as respostas aos autorrelatos são predominantemente determinadas pelo estilo de resposta do indivíduo e não pelo conteúdo do item; (b) sobre uma perspetiva psicanalítica, as pessoas não possuem *insight* suficiente sobre a motivação do seu comportamento; e (c) sobre uma perspetiva cognitiva, as pessoas sofrem enviesamentos e erros de raciocínio nos seus

processos de inferência e, como tal, revelam uma capacidade reduzida para predizerem o seu comportamento.

No entanto, num estudo comparativo levado a cabo por Kroner e Loza (2011), os autores verificaram que os instrumentos de autorrelato prediziam o risco de reincidência com a mesma acuidade do que os instrumentos de heteroavaliação, normalmente utilizados neste âmbito.

O principal motivo para o ceticismo associado aos autorrelatos parece prender-se com a grande vulnerabilidade de ocorrerem enviesamentos na representação que o indivíduo tem de si próprio (Hanson & Bussière, 1998). Segundo Nederhof (2006), a tendência que os indivíduos apresentam para se referirem a si próprios de forma positiva nos instrumentos autorrelato é denominada desejabilidade social. Segundo o autor, esta pode surgir na forma de negação de traços socialmente indesejáveis, no assumir de traços socialmente desejáveis e na verbalização de coisas que coloquem o indivíduo numa posição favorável em relação aos outros.

Um estudo realizado por Mills e Kroner (2006), com agressores violentos, revelou que, se por um lado não se pode confiar que os agressores digam a verdade, particularmente nos instrumentos de autorrelato, por outro, este enviesamento não influencia os critérios que predizem a reincidência. Esta aparente contradição pode ser justificada pela diferença, tanto conceptual como empírica, entre a desejabilidade social e a mentira deliberada.

Outros estudos evidenciam a possibilidade de se utilizarem autorrelatos para prever eficazmente a reincidência violenta (Kroner & Loza, 2011; Mills & Kroner, 2006), a reincidência geral (Motiuk, Motiuk & Bonta, 1992) e a má adaptação institucional (Mills & Kroner, 2003).

Resultado de uma meta-análise realizada com vários instrumentos de avaliação da reincidência Walters (2006), verifica que os autorrelatos são tão eficazes a prever a reincidência como os instrumentos de heteroavaliação.

Edens, Hart, Johnson, Johnson e Olver (2000), exploraram as razões por detrás da aparente falta de interesse das investigações forenses e correcionais, em instrumentos de autorrelato. Uma destas, relacionava-se com o facto de existirem agressores condenados que fingem possuir problemas do foro psicológico com o propósito de manipularem e obterem ganhos durante o período de cumprimento de pena de prisão. Ficou de esquecido para estes investigadores que a maioria dos instrumentos de autorrelato (como é o caso do HIT-Questionnaire) possuem escalas de validade e de

estilos de resposta, que possibilitam detetar tais tentativas de manipulação (Walters, 2006).

### **A Avaliação de Distorções Cognitivas com o HIT-Questionnaire**

Com o objetivo de avaliar as distorções cognitivas self-serving, vários investigadores desenvolveram ao longo dos anos instrumentos de avaliação. No entanto, estes instrumentos demonstraram limitações a nível das propriedades psicométricas (Plante et al., 2012). Na tentativa de resolver este problema, os autores do How I Think-Questionnaire (HIT-Questionnaire), desenvolveram-no tendo por base as quatro categorias de distorções cognitivas descritas anteriormente: autocentração, culpar os outros, minimizar/desvalorizar e assumir o pior (e.g. Barriga & Gibbs, 1996). E tendo em também em consideração quatro tipos de comportamentos antissociais: “mentir”, “roubar/furtar”, “oposição desafiante” e “agressão física” (e.g. Barriga et al., 2001).

O HIT-Questionnaire, tem sido utilizado em diversos estudos que se debruçam sobretudo no estudo da relação entre as distorções cognitivas self-serving e o comportamento delinquente e antissocial (e.g. Barriga & Gibbs, 1996; Barriga et al., 2000; McCrady et al., 2008; Plante et al., 2012; Wallinius, et al., 2011).

Wallinius et al. (2011), foram pioneiros na tentativa de validar o HIT-Questionnaire junto de uma amostra de indivíduos adultos. Na sua investigação, recorreram a amostras de indivíduos adultos e adolescentes agressores e não agressores (na Suécia). Objetivavam, principalmente, testar a fidedignidade e a validade do questionário, incluindo a sua estrutura fatorial. Os resultados mostraram-se, na sua maioria, consistentes com os encontrados anteriormente por Barriga e Gibbs (1996) e por Barriga et al. (2001), isto é o HIT-Questionnaire revelou boas qualidades psicométricas, apesar de Wallinius et al. (2011), referirem a necessidade de existirem mais estudos acerca da validade divergente.

Em relação à estrutura fatorial, os autores encontraram uma estrutura composta por três fatores, e não por seis. Um dos fatores entenderam referir-se a um conjunto compreensivo de distorções cognitivas e os restantes, às escalas de validade do HIT-Questionnaire (RA e IP).

Em França Plante et al. (2012), realizaram um estudo cujo objetivo era validar um versão adaptada do HIT-Questionnaire para falantes da língua francesa, através da avaliação das suas propriedades psicométricas. A amostra foi composta por adolescentes delinquentes e não delinquentes. Os resultados obtidos pelos autores

permitiram concluir que o HIT-Questionnaire possui boas qualidades psicométricas, incluindo correlações positivas com a delinquência autorrelatada e correlações negativas com a conformidade em relação às normas sociais.

Quanto à estrutura fatorial, à semelhança do estudo de Wallinius et al. (2011), os autores encontraram uma estrutura composta por três fatores. Plante et al. (2012), consideraram que a estrutura por eles obtida seria mais relevante do que a obtida por Wallinius et al. (2011), uma vez que esta permitia uma distinção entre as dimensões “covert” (que corresponde aos comportamentos de mentir e de roubar/furtar) e “over” (que corresponde aos comportamentos de oposição desafiante e de agressão física). Sendo que, um dos objetivos do HIT-Questionnaire é o planeamento da intervenção de acordo com o tipo de comportamento antissocial e com o tipo de cognições apresentadas pelo indivíduo.

Em adição, estudos de validação do HIT-Questionnaire revelaram a existência de associações entre o tipo de distorção cognitiva e o comportamento específico de internalização ou externalização (Barriga et al., 2008; Nas et al., 2008; Barriga et al., 2000).

Apesar de não ser objetivo do presente estudo o debruçar acerca das questões da intervenção em agressores, este foi um tema que se fez pertinente abordar uma vez que se considera que o final último para a avaliação psicológica deve estar na intervenção e/ou na prevenção dos comportamentos que possam ser, ou vir a ser, prejudiciais para a sociedade ou para o próprio indivíduo-alvo.

Para além desta questão, é importante referir que a aplicação do HIT-Questionnaire, para além de permitir a identificação do tipo de distorção cognitiva apresentada pelo indivíduo, objetiva também planeamento da intervenção mais adequado às suas cognições (Barriga et al., 2001) e que, tal como Gonçalves (2007), referiu “não há reabilitação sem intervenção ou tratamento” (p.577)

Andrews, Bonta e Hoge (1990), identificam três princípios gerais para a obtenção da reabilitação efetiva dos agressores: (a) o princípio do risco (que demonstra a importância de igualar a intensidade do programa ao nível de risco do agressor, isto é, níveis intensivos de tratamento devem ser aplicados a agressores de alto-risco e níveis mínimos devem ser aplicados a agressores de baixo risco); (b) o princípio da necessidade (que indica que a intervenção deve incidir sobre as necessidades criminógenas do agressor que se relacionam com o comportamento criminal); e finalmente (c) o princípio da responsividade (que refere que se deve igualar o estilo e

modelo de intervenção, ao estilo de aprendizagem e às capacidades do agressor). Este modelo é denominado Risco-Necessidade-Responsividade (RNR), e emergiu durante um período de pessimismo em torno das questões da reabilitação de agressores: “Nada Funciona”.

Nos Estados Unidos, o Instituto Nacional de Justiça, identifica as principais estratégias para a prevenção do crime. E, no que concerne à prevenção pós-facto, referem que os programas de reabilitação com adultos e jovens agressores devem ser adequados aos fatores risco que estes apresentem (Andrews et al., 1990; Sherman et.al, 1998). Segundo Ward e Maruna (2011), a avaliação do risco de reincidência criminal é um processo que envolve a aplicação de procedimentos que permitam determinar a “probabilidade” de um determinado evento negativo ocorrer, durante um período específico de tempo.

Os fatores de risco são usualmente conceptualizados como estáticos ou dinâmicos. Os fatores de risco estáticos são aqueles que não podem ser alterados e que, portanto, não podem ser alvo de intervenção no sentido de proporcionarem mudança no comportamento atual (e.g. história passada de agressões e história de consumo de substâncias). Os fatores de risco dinâmicos são aqueles sobre os quais se pode intervir, uma vez que são alteráveis e oscilam consoante as situações, como é o caso da impulsividade e de ansiedade (Hubbard & Pealer, 2009). Existem ainda autores que referem a existência de fatores de riscos estáveis (Ward & Maruna, 2011). Nestes, as variáveis tendem a permanecer estáveis ao longo do tempo mas podem ser alteradas (e.g. interesse sexual, autorregulação sexual e funcionamento socio-afetivo).

Relativamente às necessidades, os autores deste modelo (Andrews et al., 1990) distinguem entre necessidades criminógenas e necessidades não criminógenas. As criminógenas incluem atitudes que suportam a agressão, traços de personalidade como a impulsividade, fracas competências de resolução de problemas, hostilidade, raiva e associação criminosa (Andrews, Bonta & Wormith, 2011). As necessidades não criminógenas, são aspetos individuais que não possuem impacto direto no aumento da reincidência criminal, mas que funcionam como variáveis mediadoras para a obtenção de mudança (Andrews et al., 2011).

É então esperado que, se as estratégias de intervenção tiverem em consideração estes aspetos (e se assim conseguirem alterar as características cognitivas específicas dos agressores), os índices de reincidência criminal venham a reduzir (Andrews et al., 2011; Walters & McDonough, 1998). O HIT-Questionnaire desempenha nestas

questões um papel central ao permitir identificar as distorções cognitivas self-serving subjacentes à manifestação do comportamento antissocial indicando, assim, sobre o que intervir (de modo específico para cada indivíduo).



### **Objetivos e Hipóteses**

Como já mencionado anteriormente, a presente dissertação de mestrado tem como principal objetivo realizar uma análise exploratória das propriedades psicométricas do How I Think – Questionnaire, em adultos reclusos e não reclusos da população portuguesa. Esta análise irá debruçar-se na fidedignidade, na validade e na replicação da estrutura fatorial do HIT-Questionnaire.

Impõem-se como hipóteses do presente estudo as seguintes: (a) é possível discriminar, através da aplicação do HIT-Questionnaire, indivíduos reclusos de não reclusos, sendo que, os indivíduos reclusos apresentarão scores mais elevados no HIT-Questionnaire; (b) existe correlação negativa entre os scores do HIT-Questionnaire e do CDS com os scores do IRI; (c) os participantes do sexo feminino apresentarão scores mais elevados no CDS, do que os participantes do sexo masculino; (d) os participantes do sexo masculino apresentarão scores mais elevados no HIT-Questionnaire, do que os participantes do sexo feminino; (e) os indivíduos pertencentes às faixas etárias mais jovens, apresentarão scores mais elevados no HIT-Questionnaire, do que os indivíduos pertencentes às faixas etárias mais velhas; e (f) não serão verificadas diferenças a nível do score do HIT-Questionnaire, em relação à escolaridade.

## **Método**

### **Participantes**

#### **amostra A.**

A amostra A foi recolhida por conveniência através da aplicação dos instrumentos em salas de aula e em salas dedicadas ao estudo coletivo, no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e junto a colaboradores de grandes e de pequenas superfícies comerciais. Os critérios de seleção foram o saber ler ao nível do 1º ciclo (Barriga, et al., 2001), e ser maior de idade.

Inicialmente era composta por 858 indivíduos, mas após verificação dos critérios de exclusão (ver secção dos instrumentos: HIT-Questionnaire), contou com 713 indivíduos de nacionalidade portuguesa. Destes, 316 (44.3%) pertencem ao sexo masculino e 397 (55.7%) são do sexo feminino.

A média de idades é de 27 anos (DP=8.57).

Relativamente à escolaridade, a maioria dos participantes possui o ensino secundário (63.8%) ou habilitações ao nível do ensino superior (27.5%).

No que diz respeito ao estado civil, a maior parte da amostra é composta por indivíduos solteiros (80.5%), ou que se encontram casados/em união de facto (15.7%).

No que concerne à profissão/ocupação, a maioria são estudantes (43.9%), ou pessoal dos serviços e profissões, como por exemplo colaboradores de superfícies comerciais (42.2%).

Finalmente, quanto à localização geográfica, a maior percentagem de participantes provém do centro do país (47.1%) e do sul (41.4%).

#### **amostra B.**

A amostra B foi recolhida tendo em conta os critérios de seleção descritos anteriormente (saber ler e escrever ao nível do 1º ciclo e maioridade). A seleção dos indivíduos foi realizada pelas Técnicas Superiores de Reeducação do Estabelecimento Prisional do Montijo.

Era inicialmente composta por 27 indivíduos mas após verificação dos critérios de exclusão (ver secção dos instrumentos: HIT-Questionnaire), ficou reduzida a 21 indivíduos de nacionalidade portuguesa, todos do sexo masculino.

A média de idades é de 43 anos (DP=13.00).

Quanto à escolaridade, a maioria dos participantes possui o segundo ciclo (42.9%) ou o terceiro ciclo (28.6%).

Quanto ao estado civil, a maioria da amostra é composta por indivíduos solteiros (61,9%) ou divorciados (19%).

Relativamente à profissão/ocupação a maior parte eram, em meio livre, operadores de instalações e máquinas e como trabalhadores da montagem (71.4%), ou encontravam-se desempregados (9.5%).

No que diz respeito à localização geográfica, a maior percentagem de participantes provém do sul do país (76.2%) e do centro (14.3%).

### **Instrumentos**

O How I Think – Questionnaire (Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001, adaptado por Veloso, Costa, & Soeiro, 2013), foi concebido com o objetivo de permitir avaliar quatro tipos de distorções cognitivas e de permitir a identificação de quatro problemas de comportamento antissocial na adolescência. O HIT-Questionnaire objetiva ainda permitir o planeamento da intervenção mais adequada a cada indivíduo (tendo em consideração o tipo de cognição e o tipo de comportamento antissocial verificado).

Este é um questionário de autorrelato composto por 54 itens/afirmações. Destes 54 itens apenas 39 avaliam crenças.

Os itens encontram-se divididos em duas dimensões, cada uma com quatro subescalas. Uma das dimensões do HIT-Questionnaire mede distorções cognitivas self-serving e é constituída pelas seguintes subescalas: autocentração (AC), culpar os outros (CUL), minimizar/desvalorizar (MM) e assumir o pior (AP). A outra dimensão mede comportamentos antissociais e é composta pelas seguintes subescalas: mentir (M), roubar/furtar (RF), oposição desafiante (OD) e agressão física (AF). A soma das subescalas mentir e roubar/furtar, é categorizada em comportamentos covert (CO) – que não implicam confrontação direta com a vítima. Por sua vez, a soma das subescalas oposição desafiante e agressão física, é categorizada em comportamentos overt (OV) – que implicam confrontação direta com a vítima.

As subescalas que medem o comportamento antissocial foram criadas tendo em conta as quatro categorias de comportamento antissocial presentes nos sintomas da perturbação de oposição descrita no DSM-IV (American Psychiatric Association, 1994).

Os restantes 15 itens não são tidos em conta para a cotação final do instrumento uma vez que fazem parte de duas subescalas relacionadas validade das respostas dos respondentes. Assim, oito itens fazem parte da subescala “respostas anómalas” (RA), e os restantes sete da subescala “imagem positiva de si” (IP).

As respostas ao questionário podem variar numa escala de *likert* de um a seis (em que um corresponde a “*discordo fortemente*”, dois a “*discordo*”, três a “*discordo moderadamente*”, quatro a “*concordo moderadamente*”, cinco corresponde a “*concordo*” e seis a “*concordo fortemente*”).

O score total do HIT-Questionnaire deve calculado através da soma das respostas e subsequente divisão pelo número de itens contabilizados (39). O score das subescalas é obtido seguindo a mesma lógica. Os resultados podem variar entre 1.0 e 6.0 sendo que, resultados mais elevados indicam a presença mais acentuada de distorções cognitivas self-serving, ou de comportamentos antissociais. Os itens que compõem as escalas de validade, devem ser cotados de forma inversa.

O alpha de Cronbach geral encontrado pelos autores originais do questionário foi de .94.

Na presente investigação foram excluídos 151 participantes (reduzindo  $n = 885$  a 734), por apresentarem valores iguais ou superiores a 4.0 na escala de validade RA (Barriga et al., 2001).

A Escala de Distorções Cognitivas (Briere, 2000, traduzida por Saramago, Almeida & Soeiro, 2011), foi criada com o objetivo de identificar a presença de distorções cognitivas self-debasing. É uma escala de autorrelato, constituída por 40 itens que se agrupam em cinco diferentes subescalas (“autocrítica”, “culpabilização”, “ausência de apoio”, “desesperança” e “preocupação com o perigo”).

As respostas podem variar numa escala de *likert* de um a cinco (em que um corresponde a “*nunca*” e cinco corresponde a “*muitas vezes*”).

O alpha de Cronbach geral encontrado pelos autores originais do questionário foi de .94.

A presente escala será utilizada para verificar a existência de validade convergente. Sendo que a validade convergente se refere à extensão em que a correlação do instrumento (HIT-Questionnaire), com instrumentos que medem o mesmo construto é maior do que a correlação com os que medem constructos diferentes (Murphy & Davidshofer, 1998).

O Índice de Reatividade Interpessoal (Davis, 1980; adaptado por Limpo, Alves & Castro, 2010), foi concebido para medir a empatia. É um instrumento de autorrelato constituído por 24 itens que se agrupam em quatro diferentes subescalas (preocupação empática, fantasia, distress pessoal e tomada de perspetiva).

As respostas ao instrumento podem variar numa escala de likert de zero a quatro, onde zero corresponde a “*não me descreve bem*”, e quatro corresponde a “*descreve-me bem*”).

O alpha de Cronbach geral encontrado pelo autor original foi de .89.

Este instrumento será utilizado para verificar a validade divergente (ou discriminante). Esta validade refere-se à extensão em que a correlação do instrumento com instrumentos que medem diferentes constructos é menor do que a correlação com os que medem o mesmo construto (Murphy & Davidshofer, 1998).

Finalmente, foi criado um questionário sociodemográfico composto por nove questões. Este solicitava as seguintes informações aos participantes: (1) sexo, (2) idade, (3) estado civil, (4) escolaridade, (5) profissão/ocupação, (6) nacionalidade e (7) naturalidade. A última questão (8) encontra-se dividida em duas partes: “*Cumpre/já cumpriu pena de prisão?*”, e apenas em caso afirmativo, o participante deverá responder à questão “8.1”, indicando o tempo de pena a que foi condenado, bem como o(s) tipo(s) de crime(s) que levaram à condenação.

## Procedimento

Inicialmente realizou-se a tradução do HIT- Questionnaire de inglês para português. A tradução foi realizada em colaboração com a orientadora da dissertação e em colaboração com um especialista em língua inglesa possuidor de certificado proficiency – C2 (anteriormente conhecido como certificate in proficiency – CPE), do Cambridge School. Posteriormente foi realizada a retro tradução, do português para o inglês, por um bilingue que não tinha tido contactado com a versão inglesa original do HIT-Questionnaire. Por fim, as versões foram comparadas, foram corrigidas as incongruências encontradas e as expressões próprias da língua inglesa foram substituídas por expressões semelhantes, próprias da língua portuguesa (por exemplo, o item cinco: “people need to be roughed up once in a while”, foi traduzido para: “as pessoas precisam de levar um abanão de vez em quando”).

Seguidamente foi realizado o pré-teste da versão traduzida, que contou com uma amostra de 52 estudantes universitários, do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz. Foi solicitado aos participantes que respondessem ao questionário e que, para cada afirmação, explicassem o que tinham entendido acerca da mesma. Desta forma foi possível verificar se as questões estavam formuladas claramente (e.g. corretas gramaticalmente, sem significados ambíguos e numa linguagem perceptível).

A todos os participantes do estudo foi solicitado por escrito o seu consentimento informado.

Foram excluídos todos os participantes que não preencheram totalmente a bateria de testes aplicada (apresentando várias respostas omissas), que não correspondiam aos critérios de seleção, ou que foram eliminados por obterem resultados iguais ou superiores a 4.0 na escala de validade RA do HIT-Questionnaire.

Durante a aplicação da bateria de testes a autora do estudo esteve quase sempre presente, possibilitando assim o esclarecimento de dúvidas. Nos casos excepcionais em que tal não foi possível, as dúvidas apresentadas foram esclarecidas aquando da recolha dos instrumentos. Isto ocorreu somente com alguns dos colaboradores das grandes superfícies comerciais, uma vez que por vezes estes não disponham imediatamente de tempo para responder à bateria de testes.

Neste estudo será utilizado o alpha de Cronbach, que se exprime pelo coeficiente de correlação alpha ( $\alpha$ ), para verificar a fidedignidade do HIT-Questionnaire. A escolha deste teste de fidedignidade, deveu-se ao facto de os instrumentos de avaliação utilizados possuírem uma escala de resposta do tipo *likert* (sem respostas corretas ou incorretas, que consiste numa série de afirmações em que os respondentes devem indicar a sua concordância numa escala de intensidade) e de esta correlação ser a mais indicada para estes casos (Ribeiro, 2010).

A validade de construto apresenta os seguintes métodos para a sua determinação: correlação com outros testes, análise fatorial, consistência interna, validade convergente e validade divergente/discriminante (Anastasi, 1990). Estes métodos serão todos utilizados no presente estudo.

A validade preditiva e a concorrente foram verificadas através da curva de características do recetor (ROC). Estes tipos de validade fazem parte da validade de critério, que informa quão bem um teste corresponde a um determinado critério (Kaplan & Saccuzo, 2013). No estudo em causa espera-se que os indivíduos recluídos possuam mais distorções cognitivas self-serving que a população geral. Em termos de validade preditiva, se os indivíduos possuírem mais distorções cognitivas, terão maior probabilidade de pertencer a uma população forense. No que concerne à validade concorrente, do mesmo modo que um teste de diagnóstico, na escola, ajuda o professor a identificar os pontos fortes e fracos de um aluno e, consequentemente, a traçar-lhe objetivos específicos (Kaplan & Saccuzo, 2013), também a aplicação do HIT-Questionnaire, por exemplo a reclusos, irá permitir identificar qual ou quais os tipos de

distorções cognitivas que estes apresentam o que, conseqüentemente, poderá auxiliar na seleção da estratégia de intervenção mais adequada às suas necessidades criminógenas (Hubbard & Pealer, 2009).

E finalmente, nas comparações das médias entre grupos foram utilizados testes  $t$  ou testes  $z$ , para amostras independentes.

## **Resultados**

### **Amostra A+B**

**verificação da fidedignidade, da validade (de construto e de conteúdo) e da estrutura fatorial do HIT-Questionnaire.**

A fidedignidade do HIT-Questionnaire e das suas subescalas foi verificada através do alpha de Cronbach. O instrumento revelou na sua globalidade uma boa consistência interna (.93) e, no que concerne às subescalas, os valores situam-se entre o bom e o aceitável estatisticamente. Assim, temos para as subescalas que avaliam distorções cognitivas self-serving os seguintes alphas: AC .78, CUL .79, MD .73 e AP .80. Quanto aos alphas das subescalas que avaliam o comportamento antissocial, os resultados foram os seguintes: M .76, RF .86, AF .77 e OP .75. A subescala CO obteve .89 e a OV .87.



Tabela 1)

Comparação dos Alphas do Instrumento Original com os Alphas Obtidos através da Adaptação da Presente Investigação

Teste de Fidedignidade		
Escalas	$\alpha$ (original)	$\alpha$ (adaptação)
HIT	.95	.93
AC	.79	.78
CUL	.82	.79
MD	.83	.73
AP	.83	.80
M	.79	.76
RF	.86	.86
CO	.90	.89
AF	.86	.77
OP	.79	.75
OV	.90	.87
RA	.69	.75
IP	.78	.74
$\alpha > .70$		

*Nota.* HIT: score total do HIT-Questionnaire; AC: Autocentração; CUL: Culpar os Outros; MD: Minimizar/Desvalorizar; AP: Assumir o pior; M: Mentir; RF: Roubar/furtar; CO: Covert; AF: Agressão Física; OD: Oposição Desafiante; OV: Overt; RD: Respostas Anómalas; IP: Imagem Positiva de Si

Quanto à validade convergente, foi encontrada uma correlação positiva significativa baixa entre o score do HIT-Questionnaire e o score do CDS ( $r_s(733) = .25$ ;  $p=.00$ ). A única subescala do HIT-Questionnaire que não se encontra significativamente correlacionada com o CDS é a RF ( $(r_s(733) = .25$ ;  $p=.00$ ). No que diz respeito à validade divergente, foi verificada uma correlação negativa significativa muito baixa, entre o score do HIT-Questionnaire e o score do IRI ( $r_s(733) = -.07$ ;  $p=.07$ ).

Tabela 2)

Correlações entre o Total do CDS, o Total do IRI, e o Total do HIT-Questionnaire e suas Subescalas

Verificação da Validade Convergente e Divergente		
	CDS	IRI
HIT	.25**	-.15**
AC	.15**	-.16**
CUL	.25**	-.13**
MD	.16**	-.11**
AP	.30**	-.13**
M	.26**	-.13**
RF	.07	-.18**
CO	.18**	-.17**
AF	.24**	-.15**
OD	.27**	-.08*
OV	.28**	-.12**

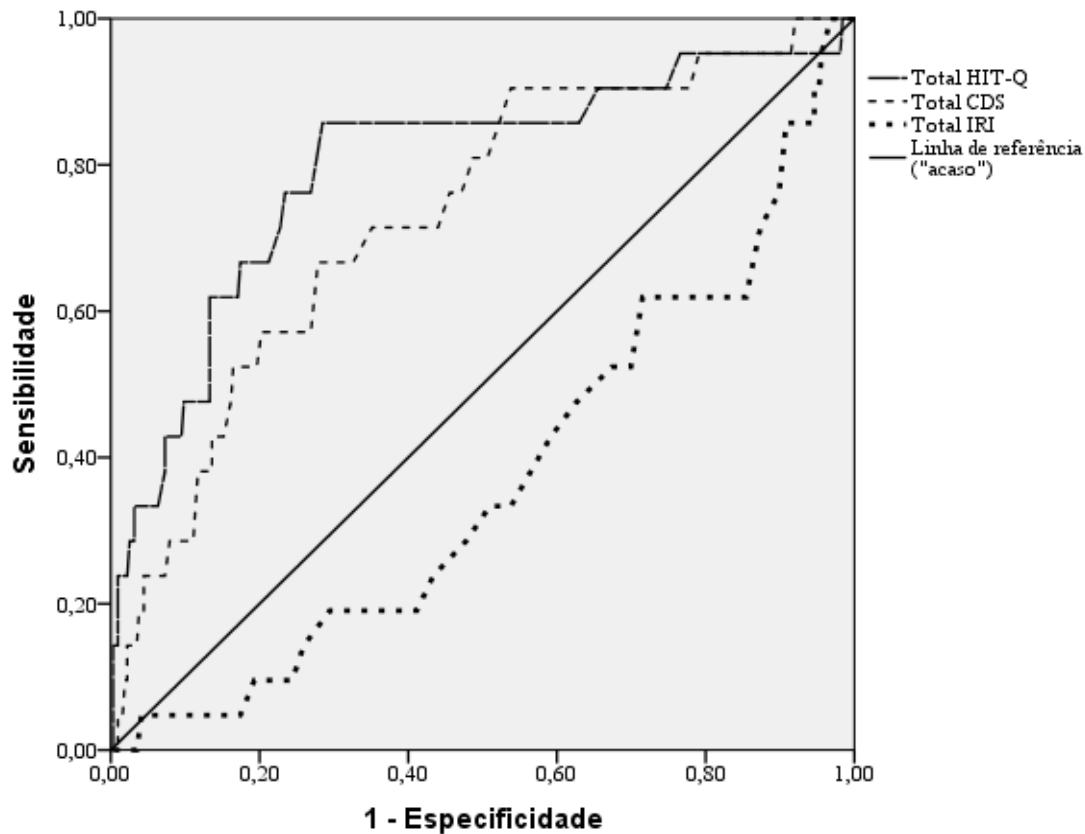
\*\* p&lt;.01

Nota. CDS: Score total do CDS; IRI: Score total do IRI

Para verificar a validade preditiva foi realizado procedimento curva ROC.

A área da curva ROC (AUC) do total do HIT- Questionnaire revelou um bom valor preditivo (AUC = .80; IC a 95%: .68-.91; p=.00). E, de entre os restantes instrumentos aplicados, este é o que apresenta maior valor preditivo. O total do CDS revelou um valor preditivo aceitável (AUC = .73; IC a 95%: .62-.84; p=.00), e o total do IRI não apresentou valores aceitáveis estatisticamente (AUC = .37; IC a 95%: .25-.49; p=.05).

Figura 1. Configuração da validade preditiva



No que concerne à validade concorrente todas as subescalas revelaram valores AUC bons, à exceção da subescala minimizar/desvalorizar, que revelou valores aceitáveis estatisticamente ( $AUC = .75$ ; IC a 95%:  $.62-.89$ ;  $p = .00$ ). Na subescala AC ( $AUC = .82$ ; IC a 95%:  $.71-.93$ ;  $p = .00$ ), na CUL ( $AUC = .80$ ; IC a 95%:  $.69-.92$ ;  $p = .00$ ), na subescala AP ( $AUC = .80$ ; IC a 95%:  $.68-.93$ ;  $p = .00$ ), na CO ( $AUC = .81$ ; IC a 95%:  $.70-.93$ ;  $p = .00$ ), e finalmente OV ( $AUC = .81$ ; IC a 95%:  $.68-.93$ ;  $p = .00$ ).

Tabela 3)

Verificação da AUC de cada Subescala do HIT-Questionnaire

Verificação da Validade Concorrente	
Subescalas HIT	AUC
AC	,82
CUL	,80
MD	,75
AP	,80
CO	,81
OV	,81

p<.50

Para verificar se a estrutura fatorial da adaptação do HIT-Questionnaire replicava a estrutura encontrada pelos autores originais, foi realizada uma análise de componentes principais ( $r > .50$ ). A análise revelou uma estrutura de três componentes que explica, na sua totalidade, 32.90% da variância. O valor de KMO obtido foi de .92 ( $p = .00$ ).

Foram excluídos pela análise 29 itens ( $r > .50$ ). Permaneceram 25 e destes, 10 itens configuram do fator um, 11 itens pertencem ao fator dois, e quatro itens pertencem ao fator três.

Tabela 4)

Análise Fatorial Exploratória de Componentes Principais da adaptação do HIT-Questionnaire

Análise de Componentes Principais			
Itens	Fator1	Fator2	Fator3
H3			.55
H8	.58		
H9		.51	
H16		.51	
H18	.50		
H23	.59		
H24		.52	
H29	.63		
H30		.60	
H31			.59
H32	.50		
H34		.52	
H35		.54	
H36	.65		
H37	.52		
H38			.61
H39		.52	
H41		.52	
H42	.53		
H43		.56	
H44	.54		
H45			.53
H48		.57	
H49	.59		
H53		.52	

r&gt;.50

**diferenças de média nos scores do HIT-Questionnaire, em relação à amostra.**

Foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os resultados médios obtidos no HIT-Questionnaire, no que concerne ao tipo de amostra. Sendo que, o score médio dos participantes forenses se revelou significativamente superior ao dos participantes não forenses (comparação realizada apenas entre os participantes do sexo masculino).

Isto é verdade quer para o score total do instrumento, quer para as suas subescalas, à exceção das subescalas respostas anómalas ( $z(33) = -1.38$ ;  $p = .17$ ) e imagem positiva de si ( $z(21) = -1.25$ ;  $p = .22$ ).

*Tabela 5)*

*Comparação entre a Amostra Não Forense e a Amostra Forense quanto à média de scores no HIT-Questionnaire e suas subescalas*

Diferenças entre Amostras						
	Não Forense		Forense		z	p
	n=316		n=21			
	M	DP	M	DP		
HIT	2.06	.55	2.84	.79	-4.55	.00
AC	2.08	.66	2.90	.83	-4.45	.00
CO	1.93	.61	2.71	.84	-4.27	.00
MD	2.34	.60	2.97	.90	-3.42	.00
AP	1.94	.58	2.79	.87	-4.35	.00
M	2.21	.67	3.00	.86	-4.15	.00
RF	1.67	.60	2.56	1.15	-3.64	.00
CO	1.90	.58	2.74	.93	-4.37	.00
AF	2.23	.57	2.84	.77	-3.74	.00
OD	2.21	.63	3.02	.86	-4.33	.00
OV	2.22	.56	2.93	.76	-4.28	.00

$p < .01$

### **correlação entre os scores do HIT-Questionnaire e do CDS com os scores do IRI.**

Quanto à correlação entre o score do HIT-Questionnaire com os score do IRI e das suas subescalas, foram encontradas correlações negativas significativas baixas e muito baixas, exceto para a subescala DP que apresentou uma correlação positiva significativa muito baixa com o score do HIT-Questionnaire  $r_s(733) = .18; p=.00$ .

Quanto à correlação entre o score do CDS com o score do IRI e suas subescalas, foram encontradas correlações positivas significativas baixas e muito baixas, exceto para a subescala TP, que apresentou uma correlação negativa significativa muito baixa  $r_s(733) = .10; p=.01$ .

#### *Tabela 6)*

*Correlação entre os Scores do HIT-Questionnaire e do CDS com os scores do IRI*

Correlação entre os Instrumentos de Avaliação de Distorções Cognitivas e o Instrumento de Avaliação da Empatia		
	HIT	CDS
IRI	-.15**	.19**
PD	.18**	.33**
PE	-.23**	.08*
TP	-.31**	-.10**
FS	-.08*	.14**

\*\*  $p<.01$

\*  $p<.05$

*Nota.* DP: Distress Pessoal; PE: Preocupação Empática; TP: Tomada de Perspetiva; FS: Fantasia

#### **Amostra A**

##### **diferenças de média nos scores do CDS, em relação ao sexo.**

Foi possível verificar que apenas existem diferenças estatisticamente significativas entre os resultados médios obtidos no CDS, no que concerne ao sexo, para a subescala autocrítica. Sendo que, o score médio das mulheres se revelou significativamente superior ao dos homens ( $t(711) = -2.54; p = .01$ ). Para o score total do CDS ( $t(711) = -1.70; p = .88$ ), bem como para as restantes subescalas não foram verificadas diferenças significativas: culpabilização ( $t(711) = -1.80; p = .72$ ), ausência

de apoio ( $t(711) = -.90$ ;  $p = .37$ ), desesperança ( $t(711) = -1.00$ ;  $p = .32$ ) e preocupação com o perigo ( $t(695) = -1.36$ ;  $p = .18$ ).

*Tabela 7)*

*Comparação entre Homens e Mulheres da População Geral quanto aos Scores Obtidos no CDS e suas Subescalas*

Diferenças entre Sexos						
	Homens		Mulheres		<i>t</i>	p
	<i>n</i> =316		<i>n</i> =397			
	M	DP	M	DP		
Autocrítica	15.90	4.79	16.87	5.39	-2.54	.01

$p < .05$

**diferenças de média nos scores do HIT-Questionnaire, em relação ao sexo, à faixa etária e à escolaridade.**

Foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os resultados médios obtidos no HIT-Questionnaire, no que concerne ao sexo. Sendo que, o score médio dos homens se revelou significativamente superior ao das mulheres.

Isto é verdade quer para o score total do instrumento, quer para as suas subescalas, à exceção da subescala respostas anómalas ( $t(656) = .62$ ;  $p = .54$ ).



Tabela 8)

Comparação entre Homens e Mulheres da População Geral quanto aos Scores Obtidos no HIT-Questionnaire e suas Subescalas

Diferenças entre Sexos						
	Homens <i>n</i> =316		Mulheres <i>n</i> =397		<i>t</i>	<i>p</i>
	M	DP	M	DP		
HIT	2.06	.55	1.91	.41	4.02	.00
AC	2.08	.66	1.90	.53	3.96	.00
CO	1.93	.61	1.80	.47	3.161	.00
MD	2.34	.60	2.16	.49	4.49	.00
AP	1.94	.58	1.84	.45	2.63	.00
M	2.21	.67	2.03	.57	3.86	.00
RF	1.67	.60	1.51	.43	3.94	.00
CO	1.90	.58	1.73	.43	4.33	.00
AF	2.23	.57	2.09	.49	3.45	.00
OD	2.21	.63	2.09	.51	2.75	.00
OV	2.22	.56	2.09	.45	3.31	.00
PF	1.52	.54	1.43	.40	2.57	.00

*p*<.01

Relativamente à faixa etária não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ( $r_s(712) = -.02$ ;  $p=.63$ ).

Quanto à escolaridade, foram encontradas correlações significativas negativas muito baixas para todas as subescalas, excluindo a subescala mentir ( $r_s(712) = -.07$ ;  $p=.07$ ) e a respostas anómalas ( $r_s(712) = .02$ ;  $p=.52$ ), que não apresentaram correlações significativas.

Tabela 9)

Correlação entre a escolaridade e o score total do HIT-Questionnaire e das suas subescalas

Scores	Escolaridade
HIT	- .13**
AC	-.07
CUL	- .12**
MD	- .12**
AP	- .15**
M	-.07
RF	-.09*
CO	-.09*
AF	-.12**
OD	-.16**
OV	-.15**
RA	.02
IP	.09*

\* p>.01

\*\* p>.05

## **Discussão**

O principal objetivo desta investigação, como já foi referido anteriormente, prendia-se com a realização de uma análise exploratória das propriedades psicométricas do HIT-Questionnaire.

Assim, primeiramente foi analisada a consistência interna do instrumento através do alpha de Cronbach. Esta análise permitiu concluir que quer o HIT-Questionnaire na sua globalidade, quer as suas subescalas possuem uma boa consistência interna sendo que os alphas variam entre bons e aceitáveis estatisticamente. Apesar disto, os alphas encontrados nesta investigação foram inferiores aos encontrados pelos autores originais do instrumento (Barriga et al., 2001), com exceção da subescala repostas anómalas que neste estudo apresentou um coeficiente de .75, e no estudo realizado pelos autores do HIT-Questionnaire apresentou .69. A fidedignidade bem como a validade de construto assim foram verificadas.

Seguidamente, com o objetivo de verificar a validade convergente e a validade divergente (que são outros métodos de verificação da validade de construto), foram realizadas correlações de Spearman entre os scores dos HIT-Questionnaire, com os scores do CDS e com os scores do IRI.

Foi verificada a existência de correlações positivas entre os scores do HIT-Questionnaire e os do CDS. E, apesar de estar serem baixas, pode-se afirmar que foi verificada a validade convergente. A baixa correlação encontrada entre estes dois instrumentos de avaliação de distorções cognitivas, parece estar relacionada com o facto de o HIT-Questionnaire estar desenhado para avaliar distorções cognitivas self-serving, mais marcadas por comportamentos de externalização (e.g. Barriga & Gibbs, 1996), e o CDS estar construído por forma a avaliar distorções cognitivas self-debasing, mais vinculadas por comportamentos de internalização (e.g. Beck, 1963).

No que concerne à validade divergente (ou discriminante), esta foi verificada pela existência de correlações significativas negativas muito baixas e baixas, entre os scores do HIT-Questionnaire e os do IRI.

Por fim, para verificar a validade preditiva e a concorrente (que fazem parte da validade de conteúdo), foram utilizadas curvas ROC. No que concerne à validade preditiva o HIT-Questionnaire revelou-se um bom preditor. Isto é, a presença de distorções cognitivas self-serving é preditivo de estarmos na presença de população forense (e esta capacidade preditiva é muito superior ao acaso). Para além disto, em comparação com os outros instrumentos utilizados na presente investigação, o HIT-

Questionnaire foi aquele que apresentou melhor capacidade preditiva, o que vai de encontro a estudos já realizados que concluíram que as distorções cognitivas self-serving são um forte preditor e mediador do comportamento delinquente e antissocial (e.g. Barriga et al., 2000; Liao et al., 1998; Maruna & Mann, 2006; Sykes & Matza, 1957).

Quanto à validade concorrente, todas as subescalas do HIT-Questionnaire apresentaram boa capacidade de identificação da presença de determinado tipo de distorção cognitiva, o que, como também já foi referido anteriormente é uma grande mais-valia no possível planeamento e implementação de estratégias de prevenção e intervenção com agressores, especialmente se tivermos em atenção o modelo RNR (Andrew et al., 1990).

A estrutura fatorial da adaptação do HIT-Questionnaire não replicou a estrutura de seis componentes encontrada pelos autores originais (quatro tipos de distorções cognitivas self-serving e duas subescalas de validade). Foi antes encontrada uma estrutura composta por três fatores, como aliás também já tinha sido encontrada por Wallinius et. al (2011) e por Plante et al. (2012).

Na estrutura encontrada, o fator um é composto por um conjunto transversal de distorções cognitivas self-serving, com exceção dos itens que compõem a subescala minimizar/desvalorizar. O fator dois compreende a maioria de itens da subescala respostas anómalas e o terceiro fator compreende a maioria dos que fazem parte da subescala imagem positiva de si. Esta distribuição de itens vai de encontro àquela encontrada por Wallinius et. al (2011). Assim, a justificação mais pertinente parece ser também aquela que foi referida por estes autores, ou seja a existência de uma holística mente criminal. Segundo Samenow (2004), esta começa-se a desenvolver, nos indivíduos que manifestam comportamentos antissociais na adultícia, enquanto estes ainda são crianças, o que resulta na consolidação das distorções cognitivas que suportam o crime.

Referindo novamente a investigação de Wallinius et. al (2011), é importante mencionar que esta foi a única investigação encontrada que, à semelhança do presente estudo, possuía uma amostra que continha participantes adultos. Isto poderá indicar que as distorções cognitivas self-serving se manifestam de modo diferente em adultos e em adolescentes. Ainda assim, a estrutura de seis fatores foi utilizada na produção dos resultados uma vez que todas as subescalas apresentavam valores de alpha que se posicionavam, como já referido, entre o bom e o aceitável estatisticamente (indicando a

estabilidade do instrumento em estudo), e que foi considerada a necessidade de existirem mais estudos neste âmbito, antes de avançar com a proposta de uma “versão reduzida” do HIT-Questionnaire.

Passando agora à discussão dos resultados obtidos no que concerne às hipóteses em estudo, temos que, quanto à primeira hipótese, de facto foi possível verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos reclusos e não reclusos, no que concerne aos scores do HIT-Questionnaire. Sendo que, os indivíduos reclusos apresentaram mais distorções cognitivas self-serving (e.g. Walters, 1995, 2002; Yochelson & Samenow, 1976). Aqui importa salientar que estes resultados devem ser observados de modo cauteloso, devido ao reduzido número de participantes da amostra forense ( $n=21$ ).

Quanto à segunda hipótese, foi possível verificar a existência de uma correlação negativa significativa muito baixa entre os scores do HIT-Questionnaire com os scores do IRI. O que indica que a presença de distorções cognitivas self-serving diminuí a resposta empática (e.g. McCrady et al., 2008; Miller & Eisenberg, 1988; Sykes & Matza, 1957; Ward, Gannon & Keown, 2006; Ward & Keenan, 1999). Isto é verdade exceto para a subescala distress pessoal, que apresentou uma correlação positiva significativa muito baixa com o score do HIT-Questionnaire. Isto poderá ter acontecido pelo facto de esta categoria ser considerada maladaptativa quando associada à ansiedade (Davis, 1983).

Por outro lado, foi encontrada correlação positiva significativa muito baixa entre o score do CDS e os scores do IRI. Este resultado parece resultar da exacerbação de algumas categorias da empatia que, em vez de se manifestarem de modo positivo, manifestam-se de modo negativo. Isto é, a ausência ou a exacerbação, que os indivíduos manifestam nas categorias da empatia propostas por Davis, encontram-se relacionadas com a existência de problemas interpessoais a nível da assertividade, sociabilidade, intimidade, submissão, controlo, baixa autoestima, sentimento crónico de medo, ansiedade e vulnerabilidade emocional (Davis, 1983; Joireman et al., 2002; Lange e Couch (2011). Ao analisar-mos estas manifestações negativas das categorias das empatia é fácil fazer a ponte com algumas das características das distorções cognitivas self-debasing. Sendo que estas se relacionam com sintomas de ansiedade e de depressão e que foram construídas tendo por base a teoria da depressão de Beck (1963), que as definiu como um sistema de crenças disfuncionais e depressivas, que se manifestam de forma “automática” no indivíduo acerca do self, do mundo e do futuro.

Isto é verdade para todas as subescalas do IRI, exceto para a tomada de perspetiva, que apresentou uma correlação negativa significativa muito baixa. Este resultado vem corroborar os anteriores, uma vez que, ao contrário das restantes categorias da empatia, esta não possui um carácter maladaptativo (mesmo quando exacerbada). Esta categoria da empatia relaciona-se com aspetos positivos como o antecipar as reações do outro, manter relações íntimas estáveis, melhorar o ajustamento social e obter maior precisão no que concerne a julgamentos morais (Bernstein & Davis, 1982; Davis, 1983; Jaireman et al., 2002).

No que concerne à terceira hipótese, foram verificadas diferenças de média nos scores do CDS, em relação ao sexo, mas apenas para a subescala autocrítica. Sendo que, os participantes do sexo feminino apresentaram médias significativamente superiores aos participantes do sexo masculino (Pulay et al., 2007; Vaske & Gehring, 2010). O facto de não se verificarem diferenças significativas nem em relação à globalidade do instrumento nem a mais nenhuma subescala pode indicar que esta hipótese só é verdade para amostras femininas que provenham de uma população referenciada (e.g. forense ou clínica), uma vez que os estudos levados a cabo neste âmbito seguem essa metodologia (Obeidallah & Earl, 1999, citado por Vaske & Gehring, 2010; Pulay et al., 2007; Vaske & Gehring, 2010).

Relativamente à quarta hipótese, foi possível verificar que os participantes do sexo masculino apresentaram scores mais elevados no HIT-Questionnaire, do que os participantes femininos (e.g. Burnette, 2013; Fergusson et al., 2010; Maughan et al., 2004; Munkvold et al., 2011).

No que concerne à faixa etária não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Isto pode ser justificado pelo facto de existir, na amostra, um número limitado de participantes pertencentes às faixas etárias mais velhas. Do mesmo modo, também não existiam participantes com menos de 18 anos de idade.

Por fim, era esperado não existirem diferenças significativas a nível dos scores do HIT-Questionnaire, em relação à escolaridade (uma vez que o instrumento pode ser aplicado a indivíduos com escolaridade ao nível do 1º ciclo). No entanto, e apesar de muito baixas, foram encontradas correlações significativas negativas entre os scores do HIT-Questionnaire e a escolaridade (com exceção das subescalas de validade), o que indica que quanto mais elevada a cotação no instrumento, menor a escolaridade do participante.

Este aspeto poderá ser melhor explicado pelo facto de a maioria dos indivíduos da população geral possuírem habilitações académicas ao nível do ensino secundário e da licenciatura, e de a maioria dos indivíduos da amostra forense possuírem habilitações ao nível do segundo e terceiro ciclos. Ou seja, é muito provável que os resultados obtidos acerca da correlação entre os scores do HIT-Questionnaire e a escolaridade, estejam enviesados quer pelo tipo de amostra (não forense e forense), quer pela maior experiência da amostra não forense (maioria estudantes), em relação à forense (maioria trabalhadores em instalações e máquinas e trabalhadores da montagem), em responder /participar em investigações académicas (Ribeiro, 2010).

## **Conclusão**

Pela investigação levada a cabo na presente dissertação foi possível concluir que o HIT-Questionnaire possui boas propriedades psicométricas. Esta conclusão poderá trazer grandes benefícios, uma vez que não existe em Portugal nenhum instrumento destinado a avaliar distorções cognitivas self-serving. Um dos benefícios que é considerado mais importante é o facto de se poder identificar, através da aplicação do HIT-Questionnaire, indivíduos que possuam distorções cognitivas que se relacionam, predizem e medeiam o comportamento antissocial e, consoante os resultados, adotar estratégias de prevenção e de intervenção que vão de encontro à necessidades criminógenas do indivíduo, aumentando também desta forma a sua responsividade ao tratamento e a probabilidade de sucesso (entendida como a alteração do(s) comportamento(s) alvo).

A estrutura fatorial da presente adaptação do HIT-Questionnaire não replicou a estrutura de seis componentes encontrada pelos autores originais. Foi antes encontrada uma estrutura de três fatores composta por duas escalas de validade e por um conjunto transversal e holístico de distorções cognitivas self-serving. Apesar disto, as subescalas do instrumento original foram mantidas quer por apresentarem boa fidedignidade, quer por se considerar serem necessárias mais investigações neste âmbito.

Para além disto, foram encontradas diferenças no que concerne à presença de distorções cognitivas self-serving em relação a amostras provenientes da população geral e a amostras forenses (sendo que os participantes da amostra forense apresentam mais distorções cognitivas self-serving). E em relação ao sexo dos participantes da amostra não-forense (sendo que os indivíduos do sexo masculino apresentam mais distorções cognitivas self-serving). As hipóteses de existirem diferenças quanto à faixa etária dos participantes e de não existirem diferenças em relação à idade não foram confirmadas por, segundo a análise realizada aos resultados, limitações metodológicas referentes à própria investigação.

Apontam-se como limitações do presente estudo a fraca representação de faixas etárias acima dos 65 anos de idade, a não homogeneidade em relação à escolaridade e à profissão/ocupação das amostras forense e não forense, a inexistência de participantes do sexo feminino na amostra forense e o reduzido número de participantes da amostra forense (em relação ao número de participantes da amostra da população geral).

Sugere-se, para estudos futuros, a aplicação do HIT-Questionnaire num número superior de indivíduos pertencentes a amostras forenses e num número superior de



indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos (por forma a verificar a necessidade de alterações a nível da redação das afirmações e a poderem ser realizadas comparações em relação à faixa etária).

Considera-se que seria igualmente interessante, do ponto de vista da investigação, a aplicação deste questionário a indivíduos adolescentes. Isto poderia permitir um melhor esclarecimento acerca da estrutura fatorial do HIT-Questionnaire e, conseqüentemente, um melhor esclarecimento acerca da existência de diferenças no que diz respeito os processos cognitivos envolvidos na construção, manutenção e consolidação das distorções cognitivas self-serving.

Por fim, e numa perspetiva mais ambiciosa, seria pertinente realizar um estudo follow-up que, numa primeira fase, avaliasse com o HIT-Questionnaire adolescentes delinquentes e não delinquentes e que, numa segunda fase, avaliasse esses mesmos indivíduos mas já em idade adulta. Isto iria permitir não só um conhecimento mais aprofundado acerca da dinâmica das distorções cognitivas, como também a identificação de quais os tipos de distorções cognitivas que exercem maior influência na manifestação/manutenção do comportamento delincente e antissocial.

## Referências

- American Psychiatric Association. (1994). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Anastasi, A. (1990). Psychological testing. New York: Macmillan Publishing Company.
- Andrews, D. A., Bonta, J., & Hoge, R. D. (1990). Classification for effective rehabilitation: Rediscovering psychology. *Criminal Justice and behavior*, 17(1), 19-52. doi: 10.1177/0093854890017001004.
- Andrews, D. A., Bonta, J., & Wormith, J.S. (2011). The risk-need-responsivity (RNR) model: Does adding the good lives model contribute to effective crime prevention?. *Criminal Justice and Behavior*, 38(7), 735-755. doi: 10.1177/0093854811406356.
- Augoustinos, M & Walker, I. (1995). *Cognition: An integrated introduction* (3rd ed.). London: SAGE Publications Ltd.
- Bailey, P. E., Henry, J. D., & Hippel, W. V. (2008). Empathy and social functioning in late adulthood. *Aging Ment Health*, 12(4), 499-503. doi: 10.1080/13607860802224243.
- Bandura, A. (1989). Social cognitive theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development* (pp. 1-60). Greenwich, CT: JAI Press.
- Barriga, A. Q., & Gibbs, J. C. (1996). Measuring cognitive distortion in antisocial youth: Development and preliminary validation of the "How I Think" Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 22(5), 333- 343. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:5<333::AID-AB2>3.0.CO;2-K.
- Barriga, A. Q., Landau, J.R., Stinson, B. L., Liao, A. K., & Gibbs, J. C. (2000). Cognitive distortion and problem behaviors in adolescents. *Criminal Justice and Behavior*, 27(1), 36-56. doi: 10.1177/0093854800027001003.
- Barriga, A. Q., Gibbs, J. C., Potter, G., & Liao, A. K. (2001). *The How I Think Questionnaire manual*. Champaign: Research Press.
- Barriga, A. Q., Hawkins, M. A., & Camelia, C. T., (2008). Specificity of cognitive distortions to antisocial behaviours. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 18(2), 104-116. doi: 10.1002/cbm.683.
- Bartlett, F.C. (1932). *Remembering: A study in experimental and social psychology* (3rd ed.). United Kingdom: Cambridge University Press.

- Batson, C. D., & Shan, L. L. (1991). Evidence for altruism: toward a pluralism of prosocial motives. *Psychological Inquiry*, 2(2), 107-122. doi: 10.1207/s15327965pli0202\_1.
- Beck, A. T. (1963). Thinking and depression: Idiosyncratic content and cognitive distortions. *Arch gen Psychiatry*, 9(4), 324-333. doi: 10.1001/archpsyc.1963.01720160014002.
- Bernstein, W. M., & Davis, M. H. (1982). Perspective-taking, self-consciousness, and accuracy in person perception. *Basic and Applied Social Psychology*, 3(1), 1-19. doi: 10.1207/s15324834basps0301\_1.
- Blake, E., & Gannon, T. (2008). Social perception deficits, cognitive distortions, and empathy deficits in sex offenders: a brief review. *Trauma Violence & Abuse*, 9(1), 34-55. doi: 10.1177/1524838007311104.
- Briere, J. (2001). Cognitive Distortions Scale. Los Angeles: Psychological Assessment Resources.
- Britton P. C., & Fuendeling J. M. (2005). The relations among varieties of adult attachment and the components of empathy. *The Journal of Social Psychology*. 145(5), 519-530. doi: 10.3200/SOCP.145.5.519-530.
- Burnette, M. L. (2013). Gender and the development of oppositional defiant disorder: contributions of physical abuse and early family environment. *Child Maltreatment*, 18(3), 195-204. doi:10.1177/1077559513478144.
- Davis, M. H. (1980). *JSAS multidimensional approach to individual differences in empathy*. Retirado de [http://www.eckerd.edu/academics/psychology/files/Davis\\_1980.pdf](http://www.eckerd.edu/academics/psychology/files/Davis_1980.pdf)
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113-126. doi: 10.1037/0022-3514.44.1.113.
- Davis, M. H., & Oathout, H. A. (1987). Maintenance of satisfaction in romantic relationships: empathy and relational competence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(2), 397- 410. doi: 10.1037/0022-3514.53.2.397.
- Deater-Deckard, K., & Dodge, K. A. (1997). Externalizing behavior problems and discipline revisited: Nonlinear effects and variation by culture, context, and gender. *Psychological Inquiry: An International Journal for the Advancement of Psychological Theory*, 8(3), 161-175, doi: 10.1207/s15327965pli0803\_1.

- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2001). *Psicologia das relações interpessoais*. Petrópolis: Vozes.
- Edens, J. F., Hart, S. D., Johnson, D.W., Johnson, J. K., & Olver, M. E. (2000). Use of the personality assessment inventory to assess psychopathy in offender populations. *Psychological Assessment*, 12(2), 132-139. doi: 10.1037/1040-3590.12.2.132.
- Egan, V., Kavanagh, B., & Blair, M. (2005). Sexual offenders against children: The influence of personality and obsessionality on cognitive distortions. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 17(3), 223-240. doi: 10.1177/107906320501700301.
- Eisenberg, N. (1986). *Altruistic cognition, emotion, and behavior*. New Jersey: Erlbaum.
- Ferguson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2010). Classification of behavior disorders in adolescence: Scaling methods, predictive validity, and gender differences. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(4), 699-712. doi: 10.1037/a0018610.
- Fiske, S.T., & Taylor, S.E. (1991). *Social cognition* (2nd ed). New York: McGraw Hill.
- Gannon, T. A. (2009). Social cognition in violent and sexual offending: an overview. *Psychology, Crime & Law*, 15 (2), 97-118. doi: 10.1080/10683160802190822.
- Gannon, T. A., Keown, K., & Plaschek, D. L. (2007). Increasing honest responding on cognitive distortions in child molesters: The bogus pipeline revisited. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 19(1), 5-22. doi: 10.1007/s11194006-9033-0.
- Gendreau, P., Little, T., & Goggin, C. (1996). A meta-analysis of the predictors of adult offender recidivism: What works!. *Criminology*, 34(4), 575-608. doi: 10.1111/j.1745-9125.1996.tb01220.x.
- Gonçalves, R. A. (2007). Promover a mudança em personalidades antissociais: Punir, tratar e controlar. *Análise Psicológica*, 25(4), 571-583. ISSN 0870-8231.
- Hanson R. K., & Bussière, M. T. (1998). Predicting relapse: a meta-analysis of sexual offender recidivism studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66(2), 348-362. doi: 10.1037/0022-006X.66.2.348.
- Hollon, S. D., & Kriss, M. R. (1984). Cognitive factors in clinical research and practice. *Clinical Psychology review*, 4 (1), 35-76.

- Hubbard, D. J., Pealer, J. (2009). The importance of responsivity factors in predicting reductions in antisocial attitudes and cognitive distortions among adult male offenders. *The Prison Journal*, 89(1), 79-98. doi. 10.1177/0032885508329987.
- Joireman, J. A, Parrott, L., & Hammersla, J. (2002). Empathy and the self-absorption paradox: Support for the distinction between self-rumination and self-reflection. *Self and Identity*, 1(1), 53-65. doi:10.1080/152988602317232803.
- Kaplan, R. M., & Saccuzzo, D. P. (2013). *Psychological testing: Principles, Applications, and issues*. USA: Cengage Learning, Inc.
- Kroner, D. G., & Loza, W. (2011). Evidence for the efficacy of self-report in predicting nonviolent and violent criminal recidivism. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(2), 168-177. doi: 10.1177/088626001016002005.
- Lange, T. M., Couch, L. L. (2011). An assessment of links between components of empathy and interpersonal problems. *The New School for Social Research*, 8(2), 83-90. ISSN: 1931-7948.
- Liau, A. K., Barriga, A. Q., & Gibbs, J. C. (1998). Relations between self-serving cognitive distortions and overt vs. covert antisocial behavior in adolescents. *Aggressive Behavior*, 24(5), 335-346. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337.
- Mandracchia, J. T., Morgan, R. D., Garos, S., & Garland, J. T. (2007). Inmate thinking patterns: An empirical investigation. *Criminal Justice and Behavior*, 34(8), 1029-1043. doi: 10.1177/0093854807301788.
- Mannuzza, S., Klein, R. G., Abikoff, H., Moulton, J. L. (2004). Significance of childhood conduct problems to later development of conduct disorder among children with ADHD: A prospective follow-up study. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(5), 565-73. doi: 10.1023/B:JACP.0000037784.80885.1a.
- Maruna, S., & Mann, R. E. (2006). A fundamental attribution error? Rethinking cognitive distortions. *Legal and Criminological Psychology*, 11(2), 155–177. doi: 10.1348/135532506X114608.
- Maughan, B., Rowe, R., Messer, J., Goodman, R., Meltzer, H. (2004). Conduct disorder and oppositional defiant disorder in a national sample: developmental epidemiology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(3), 609-621. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00250x.

- McCrady, F., Kaufman, K., Vasey, M. W., Barriga, A. Q., Devlin, R. S., & Gibbs, J. C. (2008). It's all about me: A brief report of incarcerated adolescent sex offenders' generic and sex-specific cognitive distortions. *Sexual Abuse: A Journal of Research and treatment*, 20(3), 261-271. doi: 10.1177/1079063208320249.
- McCullough, M. E., Worthington Jr., E. L., & Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(2), 321-336. doi:10.1037/0022-3514.73.2.321.
- McGlynn, A. H., Hahn, P., & Hagan, M. P. (2013). The effect of a cognitive treatment program for male and female juvenile offenders. *Criminology Therapy and Comparative International Journal of Offender*, 57(9), 1107-1119. doi: 10.1177/0306624X12463341.
- Miller, P.A., & Eisenberg, N. (1988). The relation of empathy to aggressive and externalizing/antisocial behavior. *Psychological Bulletin*, 103(3), 324-344. doi: 10.1037/0033-2909.103.3.324.
- Mills, J. F., & Kroner, D. G. (2003). Anger as a predictor of institutional misconduct and recidivism in a sample of violent offenders. *Journal of interpersonal violence*, 18(3), 282-294. doi: 10.1177/0886260502250085.
- Mills, J. F., & Kroner, D. G. (2006). Impression management and self-report among violent offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(2), 178-192. doi: 10.1177/0886260505282288.
- MJ (2012). *DGRSP reclusos existentes em 31 de dezembro de 2012, segundo o j escalão etário, sexo e nacionalidade*. Retirado de [http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/anuais/20130313020323RecExist\\_EscEtSexNac.pdf](http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/anuais/20130313020323RecExist_EscEtSexNac.pdf)
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674–701. doi. 10.1037/0033-295X.100.4.674.
- Moffitt, T. E. (1997). Developmental theories of crime and delinquency. In T. Thornberry (Ed.), *Adolescence-limited and life-course-persistent offending: A complementary pair of developmental theories* (pp. 11–54). New Brunswick, New Jersey: Transactional Publishers.
- Motiuk, M. S., Motiuk, L. L., & Bonta, J. (1992). A comparison between self-report and interview-based inventories in offender classification. *Criminal Justice and Behavior*, 19(2), 143-159. doi: 10.1177/0093854892019002003.

- Munkvold, L.H., Lundervold, A. J., & Manger, T. (2011). Oppositional defiant disorder - gender differences in co-occurring symptoms of mental health problems in a general population of children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(4), 577-587. doi: 10.1007/s10802-011-9486-6.
- Murphy, W. D. (1990). Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender: In W. Marshall, D. Laws, & H. Barbaree (Ed). *Assessment and modification of cognitive distortions in sex offenders* (pp.331-342). New York: Plenum Press.
- Murphy, K.R., & Davidshofer, C. O. (1998). *Psychological testing: Principles and applications*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Nas, C. N., Brugman, D., & Koops, W. (2008). Measuring self- serving cognitive distortions with the ‘How I Think’ Questionnaire. *European Journal of Psychological Assessment*, 24(3), 181- 189. doi: 10.1177/0886260507309341.
- Nederhof, A. J. (2006). Methods of coping with social desirability bias: a review. *European Journal of Social Psychology*, 15(3), 263-280. doi. 10.1002/ejsp.2420150303.
- Oliveira, M. G., Falcone, E. M., & Junior, R. C. (2009). A avaliação das relações entre a empatia e a satisfação conjugal: Um estudo preliminar. *Integração em Psicologia*, 13(2), 287-298. ISSN: 1981-8076.
- Plante, N., Daigle, M. S., Gaumont, C., Charbonneau, L., Gibbs, J. C., & Barriga, A. Q. (2012). Validation of the ‘How I Think Questionnaire’ in a population of french-speaking adolescents with externalizing behaviors. *Behavioral Sciences and the Law*, 30(1), 196-210. DOI: 10.1002/bsl.2001.
- Pulay, A. J., Dawson, D. A., Hasin, D. S., Goldstein, R. B., Ruan, W. J., Pickering, R. P., ... Grant, B. F. (2008). Violent behavior and DSM-IV psychiatric disorders: Results from the national epidemiologic survey on alcohol and related conditions. *Journal of Clinical Psychiatry*, 69(1). 12-22. Retirado de [http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2922980/#\\_ffn\\_sectitle](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2922980/#_ffn_sectitle)
- RASI (2012). *SSI 2013 relatório anual de segurança interna*. Retirado de [http://www.portugal.gov.pt/media/904058/20130327\\_RASI%202012\\_vers%C3%A3o%20final.pdf](http://www.portugal.gov.pt/media/904058/20130327_RASI%202012_vers%C3%A3o%20final.pdf)
- Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Ribeiro, J. L. (2010). *Metodologia de investigação em psicologia*. Porto: Legis Editora.
- Samenow, S. E. (2004). *Inside the criminal mind*. New York: Crown Publishers.

- Sestir, M. A., & Bartholow, B. (2007). Theoretical explanations of aggression and violence. In T. Gannon, T. Ward, A. Beech, & D. Fisher (Eds.), *Aggressive offenders cognition: Theory, research and practice* (pp. 157–178). Chichester: Wiley & Sons, Inc.
- Sherman, L. W., Gottfredson, D. C., MacKenzie, D. L., Eck, J., Reuter, P., & Bushway, S. D. (1998). *NCJRS preventing crime: what works, what doesn't, what's promising*. Retirado de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles/171676.PDF>
- Simourd, D. J., & Olver, M. E. (2002). The future of criminal attitudes research and practice. *Criminal Justice and Behavior*, 29(4), 427–446. doi:10.1177/0093854802029004005.
- Soeiro, C., & Gonçalves, R. A. (2010). O estado da arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 28(1), 227-240. ISSN 0870-8231.
- Sykes, G. M., & Matza, D. (1957). Techniques of neutralization: A theory of delinquency [Versão eletrónica]. *American Sociological Review*, 22(6), 664-670.
- Vaske, J., & Gehring, K. (2010). Mechanisms linking depression to delinquency for males and females. *Feminist Criminology*, 5 (1), 8-28. doi: 10.1177/1557085109345468.
- Veiga, F., & Santos, E. (2013). *Uma Escala de Avaliação da Empatia: Adaptação Portuguesa do Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy*. (Investigação académica). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Vieira, S. A. (2010). *Ofensores sexuais: Das crenças ao estilo de pensamento* (Tese de doutoramento). Universidade do Minho, Minho.
- Wallinius, M., Johansson, P., Lardén, M., Dernevik, M. (2011). Self-serving cognitive distortions and antisocial behavior among adults and adolescents. *Criminal Justice and Behavior*, 38(3), 286-301. doi: 10.1177/0093854810396139.
- Walters, G. D. (1995). The psychological inventory of criminal thinking styles: Part I: Reliability and preliminary validity. *Criminal Justice and Behavior*, 22(3), 307–325. doi:10.1177/0093854895022003008.
- Walters, G. D. (2002). The Psychological Inventory of Criminal Thinking Styles (PICTS): A review and meta-analysis. *Assessment*, 9(3), 278–291. doi:10.1177/1073191102009003007.
- Walters, G. D. (2006). Risk-appraisal versus self-report in the prediction of criminal justice outcomes: a meta-analysis. *Criminal Justice and Behavior*, 33(3), 279-304. doi: 10.1177/0093854805284409.



- Walters, G. D., & Geyer, M. D. (2004). Criminal thinking and identity in male white-collar offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 31(3), 263-281. doi: 10.1177/0093854803262508.
- Walters, G. D., & McDonough, J. R. (1998). The Lifestyle Criminality Screening Form as a predictor of federal parole/probation/supervised release outcome: A three year follow-up. *Legal and Criminological Psychology*, 3(2), 173-181. doi: 10.1111/j.2044-8333.1998.tb00357.x.
- Ward, T., & Keenan, T. (1999). Child molesters' implicit theories. *Violence Journal of Interpersonal*, 14(8), 821-838. doi: 10.1177/088626099014008003.
- Ward, T., Gannon, T.A., & Keown, K. (2006). *Beliefs, values, and action: The judgment model of cognitive distortions in sexual offenders*. *Aggression and Violent Behavior*, 11(4), 323-340. ISSN: 1359-1789.
- Ward, T., & Maruna, S. (2011). PSC the risk–need–responsivity model of offender rehabilitation. Retirado de <http://www.publicsafety.gc.ca/cnt/rsrscs/pblctns/rsk-nd-rspnsvty/index-eng.aspx>
- Williams, L. M., & Finkelhor, D. (1990). Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender: In W. Marshall, D. Laws, & H. Barbaree (Ed). *The characteristics of incestuous fathers: A review of recent studies* (pp. 231-256). New York: Plenum Press.
- Yochelson, S. & Samenow, S. E. (1976). *The criminal personality: volume I: a profile for change* (1rd ed.). United States of America: Rowman & Littlefield Publishers, INC.

*Anexos*

## **Anexos**

## Anexo A

### How I Think – Questionnaire

(Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001; traduzido e adaptado por Veloso, Costa & Soeiro, 2013)

- Assinale, para cada afirmação, o seu nível de concordância com a mesma.

#### Níveis de concordância:

<b>Discordo Fortemente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo Moderadamente</b>	<b>Concordo Moderadamente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo Fortemente</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

<b>Nº</b>	<b>Afirmação</b>	<b>Resposta</b>					
<b>1</b>	As pessoas deveriam tentar trabalhar os seus problemas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	Muitas vezes não consigo evitar perder a cabeça.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	Às vezes tens de mentir para conseguir o que queres.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>4</b>	Às vezes sinto-me aborrecido.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>5</b>	As pessoas precisam de “levar um abanão” de vez em quando.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>6</b>	Se eu cometer um erro foi porque me juntei com as pessoas erradas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>7</b>	Se vejo alguma coisa de que gosto, tiro-a e fico com ela.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>8</b>	Não podes confiar nas pessoas porque elas vão-te sempre mentir.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

<b>9</b>	Sou generoso/a com os meus amigos.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>10</b>	Quando me zango não me importa quem magoo.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>11</b>	Se alguém deixa o carro destrancado está a pedir que lho roubem.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>12</b>	Tens de ajustar contas com as pessoas que não te respeitam.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>13</b>	Às vezes “fofoco” sobre outras pessoas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>14</b>	Toda a gente mente, não é nada de especial.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>15</b>	Não vale a pena tentar ficar fora de discussões/lutas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>16</b>	Toda a gente tem o direito de ser feliz.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>17</b>	Só um parvo não roubaria se soubesse que não ia ser apanhado.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>18</b>	Por mais que me esforce não consigo deixar de me meter em problemas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>19</b>	Só um covarde virava costas a uma luta.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>20</b>	Por vezes digo coisas negativas acerca de um amigo.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>21</b>	Não há problema em mentir se o outro é parvo o suficiente para acreditar.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>22</b>	Se realmente quero algo, não importa como o consigo.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>23</b>	Se não implicares com os outros são eles que vão implicar contigo.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>24</b>	Os amigos deviam ser honestos uns com os outros.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>25</b>	Se o dono de uma loja ou de uma casa é roubado, a culpa é dele por não ter melhores condições de segurança.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>26</b>	As pessoas obrigam-te a mentir se fizerem muitas perguntas.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>27</b>	Já tentei “ajustar contas” com alguém.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

28	Deves obter o que precisas mesmo que isso signifique que alguém tem de ser magoado.	1	2	3	4	5	6
29	As pessoas estão sempre a tentar implicar comigo.	1	2	3	4	5	6
30	As lojas fazem muito dinheiro por isso não há problema em tirares as coisas de que precisas.	1	2	3	4	5	6
31	No passado já menti para me livrar de problemas.	1	2	3	4	5	6
32	Deves magoar os outros antes que eles te magoem a ti.	1	2	3	4	5	6
33	Uma mentira não tem importância se não conheceres a pessoa.	1	2	3	4	5	6
34	É importante pensar nos sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5	6
35	Podes muito bem roubar. Se não fores tu há de ser outro qualquer.	1	2	3	4	5	6
36	As pessoas estão sempre a tentar começar discussões comigo.	1	2	3	4	5	6
37	As regras são maioritariamente feitas para os outros.	1	2	3	4	5	6
38	Já encobri coisas que fiz.	1	2	3	4	5	6
39	Se alguém é descuidado o suficiente para perder a carteira merece que lha roubem.	1	2	3	4	5	6
40	Toda a gente infringe a lei, não é nada de especial.	1	2	3	4	5	6
41	Quando os amigos precisam de ti deves lá estar para eles.	1	2	3	4	5	6
42	Conseguir o que precisas é a única coisa que importa.	1	2	3	4	5	6
43	Podes muito bem roubar. As pessoas roubar-te-iam se tivessem oportunidade.	1	2	3	4	5	6
44	Se as pessoas não cooperarem comigo não tenho culpa se alguém sair magoado.	1	2	3	4	5	6
45	Já fiz coisas más que não contei a ninguém.	1	2	3	4	5	6
46	Quando perco a cabeça é porque as pessoas me	1	2	3	4	5	6

---

	tentaram zangar.						
<b>47</b>	Levar um carro não faz mal a ninguém se nada acontecer ao carro, e se este for devolvido ao seu dono.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>48</b>	Toda a gente precisa de ajuda de vez em quando.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>49</b>	Posso muito bem mentir. De qualquer forma, quando digo a verdade, as pessoas não acreditam em mim.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>50</b>	Se tens um problema com certa pessoa às vezes tens de a magoar.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>51</b>	Já tenho tirado coisas sem permissão.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>52</b>	Se minto a alguém isso só a mim me diz respeito.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>53</b>	Toda a gente rouba - podes muito bem ficar com a tua parte.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>54</b>	Se realmente quero fazer algo não me importa se isso é legal ou não.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

---

## Anexo B

### Escala de Distorções Cognitivas

(Briere, 2000; traduzido por: Saramago, Almeida & Soeiro, 2011)

Quase todas as pessoas possuem pensamentos negativos relativamente a si mesmas ou à sua vida num determinado momento. Este questionário averigua a frequência com que você apresenta alguns destes pensamentos. Em baixo encontra-se uma lista de frases. Leia cada frase com atenção e indique com que frequência teve o pensamento ou sentimento em questão, **durante o último mês**, fazendo um círculo à volta do número correspondente da seguinte escala:

	Nunca	Uma ou duas vezes	Às vezes	Com frequência	Muitas vezes
1. Humilhar-se.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Culpar-se a si mesmo por algo que lhe aconteceu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sentir que não pode fazer nada para melhorar a sua situação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sentir-se impotente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Esperar ser maltratado pelas outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Odiar-se a si mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Dizer a si mesmo que tem aquilo que merece quando algo negativo lhe aconteceu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Sentir que não tem muito controlo sobre o que lhe acontece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Pensar que as coisas nunca serão favoráveis para si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sentir que o mundo é perigoso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Criticar-se a si mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Estar zangado consigo mesmo por ter sido magoado por alguém.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Sentir-se como se não houvesse muita coisa que pudesse fazer para melhorar as condições da sua vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Não ter esperança no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Nunca	Uma ou duas vezes	Às vezes	Com frequência	Muitas vezes
15. Esperar más notícias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Chamar nomes a si mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Pensar que mereceu algo negativo que lhe aconteceu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não ter nenhum controlo sobre a sua vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Pensar que a sua vida nunca vai melhorar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Pensar que alguém irá magoá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Não gostar de si mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Culpar-se a si mesmo pelos seus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Pensar que não há vantagem em tentar mudar as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Pensar que as circunstâncias não vão melhorar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Esperar o pior dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Sentir-se pouco atraente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Sentir-se envergonhado por algo que lhe aconteceu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Sentir que coisas negativas lhe acontecem, não importa o seu esforço para preveni-las.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Sentir que não vai ter um grande futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Pensar o pior quando alguém lhe diz que tem algo para lhe dizer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Humilhar-se na presença de outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Sentir-se culpado por algo que lhe fizeram.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Sentir que não tem controlo sobre o que acontece na sua vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Pensar que a sua vida nunca vai ficar melhor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Pensar que os outros tentaram aproveitar-se de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Chamar estúpido ou feio a si mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Culpar-se a si mesmo por alguma coisa, mesmo que provavelmente a culpa não tenha sido sua.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Sentir que não tem muitas escolhas de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Sentir-se desesperado em relação ao futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Esperar ser criticado ou humilhado injustamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



## Anexo C

### Índice de Reatividade Interpessoal (Davis, 1980; adaptado por Limpo, Alves & Castro, 2010)

As frases seguintes pretendem avaliar os seus pensamentos e sentimentos numa variedade de situações. Para cada item pense até que ponto cada um o descreve, escolhendo o número apropriado da seguinte escala:

	0	Não me Descreve bem	1	2	3	4	Descreve- -me bem
1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/apreensiva.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
9. Por vezes, tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspetiva de ver as coisas.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
10. É raro ficar completamente envolvido/envolvida num bom livro ou filme.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

calmo/calma.					
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Fico muitas vezes emocionado/emocionada com coisas que vejo acontecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Tendo a perder o controlo em situações de emergência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Quando estou aborrecido/aborrecida com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido/perdida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## Anexo D

### Autorização para a Utilização do HIT-Questionnaire

HIT-Q



Gibbs, John (gibbs.1@osu.edu) [Adicionar aos contatos](#) 14/12/2012

[Ações](#) ▾

Para: Cristina XD

Cc: 'Helmond, P.E. (Petra) (P.E.Helmond@uu.nl)', 'kevin.vandermeulen@uam.es' (kevin.vandermeulen@uam.es)



1 anexo (915,1 KB)

Outlook [Exibição Ativa](#) ^



[Baixar como zip](#)

Purchasing the HIT (not HIT-Q) questionnaire and manual from [www.researchpress.com](http://www.researchpress.com) is all you need to do in terms of permission for research use; re translation into Portuguese and doing psychometric work on the translated version; that work might require Research Press permission but may have already been done; am cc'ing Petra Helmond and Kevin van der Meulen, who might have time to reply to you in more specific terms. Also, FYI, am attaching an offender study using the HIT that we did a few years ago. Wish you the best!

JG

John C. Gibbs, Ph.D.

Professor, Developmental Psychology

Department of Psychology

The Ohio State University

1835 Neil Avenue

Columbus, OH 43210

PH: 614-292-7918

FAX: 614-292-4537

[gibbs.1@osu.edu](mailto:gibbs.1@osu.edu)

## Anexo E

### Autorização da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

C/c Atik\_cristina@hotmail.com

Exmo(a) Senhor(a)

Professor Doutor

Manuel Jorge de Queiroz Medeiros

Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz

Campus Universitário - Quinta da Granja

Monte da Caparica

2829-511 Caparica

V/ referência  
Carta 25.07.2013

N/ referência

Ofício N.º  
173/DSOPRE/13

Data  
17.09.2013

**Assunto:** Investigação sobre "Distorções Cognitivas no Cometimento de Actos Criminais", por Ana Cristina Veloso

Tenho a honra de informar V. Ex.ª que, por despacho do Senhor Director-Geral de 04.09.2013, Ana Cristina Carvalho Veloso, mestranda em Psicologia Forense nesse Instituto, foi autorizada a realizar a investigação em epígrafe, sob orientação da Professora Doutora Cristina Soeiro, no Estabelecimento Prisional do Montijo.

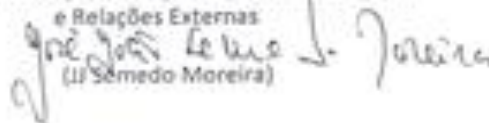
Daqui decorre que poderá V.Ex.ª contactar os referidos estabelecimentos prisionais para os efeitos devidos.

Dando cumprimento ao disposto na Circular n.º 5/GDG/2001 de 18 de Junho – que regula estágios e investigações académicas – chama-se a atenção para o facto da realização deste estudo estar sujeita às condições de que:

1. a execução do trabalho decorra no Estabelecimento Prisional do Montijo e esteja sempre dependente da disponibilidade e coordenação com a respectiva Direcção;
2. a aplicação dos instrumentos de recolha de dados seja realizada pela requerente a uma amostra não superior a 35 reclusos;
3. a recolha do consentimento informado por parte dos reclusos que colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua colaboração. O assentimento dos mesmos ser passado a escrito, ficando cópia no EP;
4. a requerente e respectiva orientadora do projecto fiquem obrigadas a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a colaborar, através de declaração escrita;
5. seja remetida cópia dos resultados finais do trabalho à Direcção de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos

O Director Serviços de Organização, Planeamento  
e Relações Externas

  
(J. Carmo Moreira)

VPF/

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais  
Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas  
Travessa da Cruz do Tinel, s.º 1 - 1150-122 Lisboa - Tel. 218852200 - Fax. 218853896 - E-mail: dsopre@dgrrp.mj.pt  
Apartado 21207 - 1130-001 Lisboa